



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**DINÂMICA É A VIDA!  
EXPERIÊNCIAS E MOVIMENTOS EM PSICOLOGIA SOCIAL**

ARILSON ÁVILA CARLOS  
GUSTAVO HENRIQUE CARVALHO DE MORAIS  
JORDANA EURICO CAMPOMORI  
LEONARDO OLIVEIRA COSTA RIBEIRO  
ROZILAINE DE SOUZA FERREIRA

LAVRAS – MG  
2020

ARILSON ÁVILA CARLOS  
GUSTAVO HENRIQUE CARVALHO DE MORAIS  
JORDANA EURICO CAMPOMORI  
LEONARDO OLIVEIRA COSTA RIBEIRO  
ROZILAINE DE SOUZA FERREIRA

**DINÂMICA É A VIDA!**  
**EXPERIÊNCIAS E MOVIMENTOS EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Portfólio acadêmico apresentado ao Centro  
Universitário de Lavras, como parte das  
exigências da disciplina “Seminário de  
Pesquisa” do curso de graduação em Psicologia.

PROFESSORA ORIENTADORA ANA MARIA BIAVATI GUIMARÃES

LAVRAS

2020

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico da  
Biblioteca Central do UNILAVRAS

D583      Dinâmica é a Vida! Experiências e Movimentos em  
Psicologia Social. / Arilson Avila Carlos... [et al.]. – Lavras:  
Unilavras, 2020.  
67 f.: il.

Portfólio Acadêmico (Graduação em Psicologia) –  
Unilavras, Lavras, 2020.  
Orientador: Profa. Ana Maria Biavati Guimarães.

1. Psicologia social. 2. Dinâmica. 3. Desenvolvimento. 4.  
Reflexão. I. Morais, Gustavo Henrique Carvalho de. II.  
Campomori, Jordana Eurico. III. Ribeiro, Leonardo Oliveira  
Costa. IV. Ferreira, Rozilaine de Souza. V. Guimarães, Ana  
Maria Biavati (Orient.).VI. Título.

ARILSON ÁVILA CARLOS  
GUSTAVO HENRIQUE CARVALHO DE MORAIS  
JORDANA EURICO CAMPOMORI  
LEONARDO OLIVEIRA COSTA RIBEIRO  
ROZILAINE DE SOUZA FERREIRA

**DINÂMICA É A VIDA!  
EXPERIÊNCIAS E MOVIMENTOS EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Portfólio acadêmico apresentado ao Centro  
Universitário de Lavras, como parte das  
exigências da disciplina “Seminários de  
Pesquisa” do curso de graduação em Psicologia.

APROVADO EM 17/11/2020



ORIENTADORA

Professora Ana Maria Biavati Guimarães/Centro Universitário de Lavras



PRESIDENTE DA BANCA

Professora Cleonice de Faria Barbosa/Centro Universitário de Lavras



PROFESSORA CONVIDADA

Paula de Deus Vieira/Centro Universitário de Lavras

LAVRAS

2020



*Dedicamos este portfólio acadêmico a toda a sociedade. Este trabalho foi compilado em prol da desconstrução de conceitos segregadores e marginalizadores. Eles evidenciam e provocam as mais diversas chagas sociais, martirizando e estigmatizando os indivíduos. Dedicamos nosso trabalho à promoção de vivências mais inclusivas e humanas, nas quais as pessoas não sejam destituídas de seus locais de direito. Esperamos que cada experiência, em sua forma mais sensível e empática, seja o exemplo de que todos somos fonte e resultado do mesmo amor. Sentimento este que devemos propagar para promover, com o exercício da Psicologia, condições existenciais mais dignas e igualitárias. Afinal, dinâmica é a vida e aqui estão algumas de nossas vivências em Psicologia Social.*

## AGRADECIMENTOS

Eu, **Arilson Ávila Carlos**, tenho muito a agradecer a várias pessoas que contribuíram para minha caminhada ao longo da graduação. De modo especial quero agradecer, primeiramente, a Deus, esse poder superior que muitas vezes era só com o qual eu podia contar para me manter de pé e seguir em frente. Quero agradecer, grandemente, à minha mãe Conceição (*in memoriam*) e à minha tia Cecília: as maiores incentivadoras desse meu sonho quase realizado. Quero agradecer a todos os professores e funcionários que contribuíram para o meu crescimento acadêmico e, principalmente, como pessoa. Quero agradecer a todos os meus colegas que ainda estão presentes ao meu lado, de modo especial, Ana Luiza Martins e Tatiane Regina de Assis, e também àqueles que fizeram parte desse percurso e hoje seguem seus caminhos. Quero agradecer aos meus amigos que sempre me encorajaram, não me deixando desanimar. Não poderia deixar de manifestar meu sentimento de gratidão à nossa professora orientadora Ana Maria Biavati Guimarães por sua disponibilidade, paciência e parceria. Peço desculpas àquelas pessoas que porventura tenha me esquecido de mencionar aqui. Gratidão a todos!

Eu, **Gustavo Henrique Carvalho de Moraes**, com o coração alegre, agradeço primeiramente a minha mãe, Alcione, por ser a pessoa que é e por me apoiar em todos os momentos com carinho, atenção, amor. Obrigado! Aos meus avós, Clélia e Ademar, e aos meus tios, Anne e Timóteo, que me mostram o ideal de família. Sou extremamente grato pelos dias em que tive o prazer de passar com eles que, sem dúvida, são parte fundamental da minha vida, mas também da minha graduação em Psicologia. Felizmente, o curso chega ao seu final e, sem esses entes queridos, provavelmente, não teria acontecido. Ao meu pai, Júlio, o rapaz que aqui escreve essas palavras tem muito dele e se orgulha disso, obrigado! Gratidão a todos os professores que passaram pelo meu caminho. Podem ter certeza de que cumpriram muito bem o seu papel na colaboração do meu aprendizado. Foram vocês os responsáveis por, a cada período, meu olho brilhar ainda mais em relação à Psicologia. Em especial, agradeço à professora e orientadora Ana Maria Biavati Guimarães, por quem tenho profunda admiração, além de me inspirar a buscar, cada dia, ser mais humano e autêntico. Gratidão especial a todos os amigos que ainda se fazem presentes ou que, de alguma forma, passaram e contribuíram para que me tornasse a pessoa que sou hoje. Em especial, agradeço a minha amiga e companheira Bianca, obrigado! E, por último, à República Coliseu, onde estão os irmãos com quem tive o imenso prazer de conviver durante a graduação. Eles sabem o quanto eu os amo.

Se hoje sou uma pessoa extremamente feliz comigo e que tenta enxergar sempre o lado bom das situações e das pessoas, eles também são responsáveis. Não consigo colocar em palavras a gratidão que me invade por esse motivo. Obrigado e “sempre a boa”!

Eu, **Jordana Eurico Campomori**, agradeço aos meus pais, que sempre incentivaram o meu voo, por mais que surgissem as dificuldades. Aos meus padrinhos, pela confiança e porque acreditaram no meu sonho. Ao meu irmão Fagner, por ser meu porto seguro. Às minhas sobrinhas, Lauana e Lavinia, por me motivarem a buscar ser sempre uma pessoa melhor. Aos amigos, pela torcida. À Elisa, por estar ao meu lado neste momento tão importante. Aos professores, em especial, às professoras Paula de Deus Vieira, Andrea Cabral Rios e Ana Maria Biavati Guimarães, pelo conhecimento e contribuições. Aos colegas que estiveram comigo nesses últimos cinco anos, agradeço pelo companheirismo.

Eu, **Leonardo Oliveira Costa Ribeiro**, dou início aos meus agradecimentos, de forma intensa, grandiosa e amorosa, sendo grato a minha mãe, Dayana, por todo o investimento emocional, de tempo e dinheiro em minha formação. Agradeço também ao meu padrasto, Eugênio, por toda a ajuda e carinho e às minhas irmãs, Hyara e Maria Eugênia, por todo o companheirismo. Agradeço a minha estimada professora, Ana Maria Biavati Guimarães, por nos ajudar no desenvolvimento deste portfólio e pelo carinho, amor, paciência e prontidão que sempre teve para comigo. Agradeço à professora Cleonice de Faria Barbosa, pelas incríveis orientações durante o estágio realizado o qual relato no presente trabalho, agradecendo também aos meus colegas de sala e a todos os envolvidos em minha formação. Agradeço, por último, em especial e de forma enfática, ao Centro Espiritual “Lua Branca” e seu dirigente Itamar Mesquita, por me ajudar a focar em meus anseios e me disciplinar para melhor cumprir meus deveres acadêmicos e de vida. Gratidão a todo o universo por me proporcionar esta grandiosa experiência de vida ao cursar Psicologia.

Eu, **Rozilaine de Souza Ferreira**, primeiramente, agradeço a Deus que, nos momentos de aflição, estava comigo para me orientar em busca do melhor caminho. Aos meus pais, Geraldo e Marina, que foram meus pilares e aos meus irmãos, Edilaine e Rodrigo, que sempre me apoiaram. Ao Alan, que se fez presente nas horas de alegria e, também, nos momentos mais difíceis, sempre disposto a me escutar e apoiar. À professora Ana Maria Biavati Guimarães, minha orientadora, que, como “um amor de pessoa”, se tornou alguém de minha grande admiração. Sou muita grata a todos, por estarem ao meu lado nesta caminhada e pela nova que está por vir à frente.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	7
2 DESENVOLVIMENTO.....	9
2.1 ARILSON ÁVILA CARLOS.....	10
2.1.1 Apresentação.....	10
2.1.2 Relato de experiência .....	11
2.2 GUSTAVO HENRIQUE CARVALHO .....	15
2.2.1 Apresentação.....	15
2.2.2 Relato de experiência .....	16
2.3 JORDANA EURICO CAMPOMORI .....	21
2.3.1 Apresentação.....	21
2.3.2. Relato de experiência .....	22
2.3.1.1 Atividade: usuários e sociedade.....	24
2.3.1.2 Atividade: Fases do luto.....	26
2.3.1.3 Fases do luto do uso de drogas.....	26
2.3.1.4 Fases do luto.....	27
2.4 LEORNARDO OLIVEIRA COSTA RIBEIRO .....	29
2.4.1 Apresentação.....	29
2.4.2 Relatos de experiência .....	30
2.5 ROZILAINE DE SOUZA FERREIRA .....	43
2.5.1 Apresentação.....	43
2.5.2 Relatos de experiência .....	43
3 AUTOAVALIAÇÃO .....	49
3.1 ARILSON ÁVILA CARLOS.....	49
3.2 GUSTAVO HENRIQUE CARVALHO .....	49
3.3 JORDANA EURICO CAMPOMORI .....	50
3.4 LEORNARDO OLIVEIRA COSTA RIBEIRO .....	51
3.5 ROZILAINE DE SOUZA FERREIRA .....	51
4 CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS .....	58
ANEXO A - CONVITE E DOCUMENTOS DE ACEITE .....	61
ANEXO B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PORTFÓLIO.....	64

## 1. INTRODUÇÃO

*Roda mundo, roda-gigante  
Roda moinho, roda peão  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

*(Roda Viva, Chico Buarque)*

O estágio obrigatório supervisionado e os projetos de extensão do curso de Psicologia do Centro Universitário de Lavras integram a estrutura curricular e têm como objetivo propiciar a formação acadêmico-profissional. Além disso, buscam integrar a teoria e a prática por meio de vivências de situações reais e propiciam maior contato com a área da Psicologia.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, tivemos a orientação da professora Ana Maria Biavati Guimarães, que ofereceu contribuições fundamentais para que o mesmo fosse concluído com êxito. Este portfólio irá relatar, na perspectiva da Psicologia Social, experiências que foram realizadas ao longo do curso de Psicologia, em diferentes lugares.

Eu, Arilson Ávila Carlos, realizei minha experiência de estágio em um projeto que atende a jovens e adultos com transtorno mental ou deficiência física, em uma cidade de Minas Gerais. Lá pude observar as dinâmicas e oficinas que visavam desenvolver as habilidades psicomotoras e que possibilitassem o encorajamento frente às limitações de cada um dos atendidos. Estes puderam expressar sua subjetividade, ou seja, serem eles mesmos.

Eu, Gustavo Henrique Carvalho de Moraes, realizei minha vivência em um centro de educação infantil em uma cidade do interior de Minas Gerais. O objetivo, junto às educadoras, foi o de desenvolver atividades que propiciassem um ambiente estimulante para o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo das crianças. Realizamos brincadeiras, jogos e fiz apontamentos sob a ótica da Psicologia dentro da instituição.

Eu, Jordana Eurico Campomori, tive minha experiência marcante em um centro de atenção psicossocial, com ênfase em álcool e outras drogas (CAPS AD), localizado em uma cidade sul-mineira. O projeto realizado por mim teve como finalidade proporcionar aos pacientes momentos de reflexão e trabalhar a redução de danos que são causados pelo uso de álcool e outras drogas.

Eu, Leonardo Oliveira Costa Ribeiro, pude participar de uma das unidades da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), em Minas Gerais, a partir do projeto “AABB Comunidade”. Atuei junto a um grupo de crianças entre 7 e 15 anos, no intuito de trabalhar

questões socioemocionais, perpassando pelos temas respeito, confiança e sexualidade, visando a um melhor autoconhecimento e integração delas na sociedade.

Eu, Rozilaine de Souza Ferreira, fiz parte de um projeto social atendido por uma secretaria de esportes, lazer e turismo de uma cidade do estado de Minas Gerais. O objetivo era estruturar e facilitar o convívio entre os alunos com síndrome de Down, autismo, deficiência física, mental e depressão. Além disso, ofereci esclarecimentos sobre as peculiaridades de cada síndrome e transtorno, mostrando a atuação da Psicologia em diferentes campos e sobre como ela poderia auxiliar em demandas dessa natureza. A experiência buscou oferecer melhorias para o grupo que serão descritas neste trabalho.

Assim, a partir dessas vivências em ambientes diversificados, constatamos como as práticas em Psicologia Social são fundamentais nos grupos e possibilitam um melhor relacionamento interpessoal. Cada ambiente trouxe suas peculiaridades e, a cada um de nós, alunos, foi dada a oportunidade de observar, compreender e contribuir com a psicodinâmica de um deles.

## 2. DESENVOLVIMENTO

*Faz tempo que a gente cultiva A mais linda roseira que há Mas eis que chega a roda viva E carrega a roseira pra lá Roda mundo, roda-gigante Roda moinho, roda peão O tempo rodou num instante Nas voltas do meu coração*

*(Roda Viva, Chico Buarque)*

O desenvolvimento deste trabalho é composto pelo relato das experiências, autoavaliação e alguns registros fotográficos de cada uma. O aprendizado torna-se significativo quando são reunidas as vivências de cada um. Sobre cada uma delas, pode-se despertar reflexões e a consciência da responsabilidade diante de cada um desses grupos e suas demandas.

### 2.1 ARILSON ÁVILA CARLOS

#### 2.1.1 Apresentação

Eu me chamo Arilson Ávila Carlos, nasci em São João del-Rei, porém fui criado na cidade de Nazareno, Minas Gerais. Sou negro, homossexual e venho de uma família pobre, onde hoje sou o único entre os meus tios e primos de primeiro grau a fazer uma graduação. Aos quinze anos, fui para Barbacena, onde fiz um curso técnico em zootecnia na antiga Escola Agrotécnica Federal de Barbacena, hoje, Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais. Trabalhei em várias empresas e cidades de Minas Gerais na área de construção civil.

Durante esse período me envolvi com drogas o que culminou em três internações em comunidades terapêuticas. Após a última internação, decidi retomar os meus estudos, o que me levou a escolher o curso de Psicologia, que também era um sonho de infância. Desde essa tenra idade, eu convivía com pessoas com variadas deficiências e, também, pelo fato de em minha família ter pessoas com transtornos mentais.

Ainda morava nessa comunidade terapêutica quando iniciei a graduação e lá permaneci durante um ano e meio até que retornei para minha casa. Logo no primeiro dia de faculdade, no momento das apresentações, comuniquei a todos quem eu era, de onde vinha e que era dependente químico (ex-usuário de *crack*). Durante toda a minha graduação, dois fatos me marcaram muito.

O primeiro foi o espanto e desdém por parte de alguns colegas de curso por acharem que uma pessoa vinda de uma escola pública e se recuperando em uma comunidade terapêutica, não teria a capacidade e o conhecimento que eu possuía. Poucos sabiam que eu tinha estudado em um instituto federal. O segundo, foi o dia em que descobri que minha mãe estava com câncer.

Nesse mesmo dia, um segurança da instituição me perguntou “o que eu estava fazendo ali, se por acaso eu estava perdido” com um tom totalmente arrogante e discriminatório.

Por isso optei, desde o início, a fazer os meus estágios em um projeto social que atende jovens e adultos com deficiência e com transtornos mentais. O projeto funciona em um centro esportivo de um município de Minas Gerais. A iniciativa sobrevive de doações e esforços de familiares e voluntários. O espaço é muito propício para o trabalho com os atendidos, pois tem uma arquitetura que possibilita a acessibilidade, possui uma quadra poliesportiva coberta e ampla, quadras de várias modalidades de esporte ao ar livre, pista para caminhada. É uma área bem arborizada e tem um jardim sensorial muito bom.

### 2.1.2 Relato de experiência

*A priori* realizei somente observação das intervenções dos profissionais voluntários de diversas áreas e dos colegas da Psicologia, que estavam em períodos mais avançados, pois quando comecei os estágios ainda estava no segundo período. Nessa fase introdutória do curso, apenas observei, pois ainda não havia visto nada de abordagens e teorias que pudessem sustentar minhas práticas. Contudo, a observação é uma oportunidade única de ingressar nas diversas realidades sociais.

A minha afinidade com o público atendido permitia que eu tivesse por eles uma consideração positiva incondicional (ROGERS, 2018), que diz sobre acreditar em suas potencialidades e da forma como se apresentam. Isso me tornava cada vez mais empático com os atendidos, com os pais e as demais pessoas que lá trabalhavam. Houve um dia em que a professora supervisora do estágio me disse assim: “Nossa, Arilson, eu cheguei aqui e perguntei pros seus colegas se você não tinha vindo, e eles me mostraram você já junto aos atendidos”. Ela disse que eu me misturava e me doava tanto junto aos atendidos, que ela nem me via e que isso era muito bom.

Passado esse período, comecei a estudar as abordagens e teorias, o que possibilitou que eu e os demais colegas que lá estagiavam, pudssemos implementar dinâmicas e oficinas (MOREIRA, 2011). Por meio delas, construímos uma percepção mais acurada e assim podia notar as mudanças acontecendo. Não poderia deixar de mencionar dois eventos onde pude observar esse crescimento. O primeiro foi um dia em que cheguei ao portão do poliesportivo onde fazíamos nossas atividades e uma atendida, que foi diagnosticada com transtorno do espectro autista, veio correndo me buscar no portão, segurou minha mão e me levou até o grupo para iniciarmos as atividades.

O segundo foi um dia em que estávamos fazendo uma atividade e eu conduzia a cadeira de rodas de uma atendida com transtorno do espectro autista e paralisia. Ela começou a sorrir muito para mim, enquanto eu a integrava junto aos demais participantes. Sua mãe até pensou que ela estava tendo uma crise convulsiva. Poder ver o sorriso no rosto da menina e de sua mãe foi uma das melhores sensações que já experimentei na vida. Devido às várias necessidades especiais ali atendidas, a maior parte dos trabalhos girava em torno da percepção, da possibilidade sensorial e da motricidade. No que tange às dinâmicas, vou citar uma que apliquei. Seu nome é “Conhecendo e sentindo o meu corpo” (Fotos 1 e 2). O material utilizado foram músicas de relaxamento e colchonetes. Essa dinâmica visava aliviar tensões do corpo sem verbalização, fazendo com que eles andassem em diferentes direções e movimentando as partes do corpo. Após esse momento, todos foram convidados a se acomodar da maneira mais confortável possível. Depois foi colocada uma música suave e foi pedido que fechassem os olhos, dando início ao trabalho de relaxamento para que pudessem “desligar” as partes do corpo, antes em pleno movimento.

Após, bem devagar e suavemente, convidei-os a despertar, anunciando as partes do corpo da cabeça aos pés. Depois pedi para que se sentassem, olhassem e tocassem seus corpos, sentindo a forma, a textura, e que se movessem, estalassem os dedos e alongassem. Admirassem o seu corpo, observassem as partes de que mais gostavam para que pudessem se sentir bem consigo mesmos. O objetivo da dinâmica era levar os atendidos à consciência corporal, relaxar, sentir a integração das diferentes partes do seu corpo, trabalhar a autoestima e a psicomotricidade.

A psicomotricidade é um conjunto de habilidades que vão sendo desenvolvidas na infância e envolvem, não somente o ato motor em si, mas também a percepção visual e sensorial, o equilíbrio, o tônus muscular, a lateralidade e o controle emocional. A integração e a maturação das diversas áreas cerebrais responsáveis por essas habilidades embasam e propiciam uma boa ação motora. O desenvolvimento das mesmas durante o brincar, o pular, o montar, o desenhar, o recortar – pela repetição e o treino – vão melhorando e sofisticando a sequência organizada do processo motor (MOREIRA, 2011).

Outras funções cognitivas envolvidas são as executivas, a memória, a linguagem e as habilidades espaciais, as quais modulam a motricidade e, por ela, são também desenvolvidas e aprimoradas com o passar do tempo. Evidências mostram que, ao cumprir uma tarefa com a ação motora, a criança aumenta a possibilidade de memorizá-la e consolidá-la em seu cérebro. A aprendizagem é um processo que exige interação com o ambiente, com o espaço a sua volta e com as pessoas. O movimento que a criança realiza a conecta com esses elementos num processo contínuo e evolutivo (MOREIRA, 2011).

Ao mesmo tempo, serve como um dos sinais clínicos de possíveis transtornos de desenvolvimento e de aprendizagem, os quais podem alterar ou atrasar o comportamento motor, levando a déficits em seu ritmo, persistência e controle inibitório. Isso pode ser observado, precocemente, durante os primeiros anos da criança e permitir que se inicie a intervenção o mais cedo possível, antes que venha a trazer efeitos negativos em momentos mais avançados da aprendizagem escolar. O trabalho constante e consistente da escola, nos primeiros anos de vida da criança, em direção ao seu bom desempenho motor, com atividades que desenvolvem a coordenação fina, as habilidades viso-motoras e a capacidade criativa, prepara e engaja o aluno para as tarefas futuras que exigirão mais persistência e longevidade de ações (MOREIRA, 2011).

Foto 1 – Dinâmica “Conhecendo e sentindo o meu



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 2 - Dinâmica “Conhecendo e sentindo o meu corpo”



Fonte: Arquivo dos autores (2019).

A respeito das oficinas realizadas, destaco a de “pintura”, para a qual utilizávamos mandalas impressas, lápis de cor e giz de cera, conforme a foto 3. A atividade visava trabalhar a integralidade das sensações dos atendidos e sua expressão e organização internas. Para Jung (Jung, 2002), a mandala serve como um apoio que propicia a transformação e o crescimento interno da pessoa na busca de sua totalidade. Para o psicanalista, as mandalas servem como tentativas do inconsciente na busca de uma cura interior. Dessa forma, a *psique* pode ser colocada em ordem e, assim, vai sendo restaurada (SILVEIRA, 1971).

Nesse sentido, a individualização trata-se de um processo psíquico no qual pode ocorrer a integração de divergências na mente, o encontro do consciente com o inconsciente, mesmo mantendo autonomia relativa. Para Jung, a individualização é um processo central do crescimento humano (JUNG, 2002).

Foto 3 – Oficina “Pintura de mandalas”



Fonte: Arquivo dos autores (2019).

## 2.2 GUSTAVO HENRIQUE CARVALHO DE MORAIS

### 2.2.1 Apresentação

Meu nome é Gustavo Henrique Carvalho de Moraes. Estou no décimo período de Psicologia do Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS. Interessei-me pela Psicologia desde o Ensino Médio. Sempre senti uma forte ligação com as áreas que lidam com pessoas. Desde a adolescência, sou uma pessoa que acredita muito no poder do diálogo e isso foi um dos pontos que me fez escolher a Psicologia como minha profissão.

A saúde mental e a física não se separam, ambas complementam o infinito que é o ser humano e, felizmente, esse tema vem sendo cada vez mais exposto. Explorando o contexto da saúde mental, a Psicologia tem um importante papel social, facilitando a busca das pessoas pela congruência com o seu próprio ser. Ela está presente em diferentes contextos sociais em prol da liberdade, inclusão e igualdade entre os seres humanos. Dentro desse propósito, identifiquei-me com o curso, comecei a trilhar o caminho para me tornar um profissional qualificado e, a cada período de aprendizado e descobertas, o interesse pela formação elevou-se.

Sou adepto do pensamento de que estamos, constantemente, em atualização e que nunca estaremos, completamente, prontos, mas que, a cada dia, poderemos aprender algo novo, ampliando as perspectivas. Diante desse ponto, sinto que a Psicologia não será apenas minha fonte de renda, mas uma perspectiva de vida e do meu ser, assim como já o é.

Nos últimos seis anos, estudei para ser um profissional, muito além de um acadêmico comprometido. Antes de qualquer técnica que tenha aprendido, o curso ampliou as portas para o meu desenvolvimento como pessoa. A partir desse ponto, irei expor um pouco de minhas perspectivas quanto à futura profissão.

Por mais que existam milhares de publicações no campo psicológico e sobre a natureza humana, certamente, ainda estamos distantes de conseguir explicar com êxito tal natureza, esse modo de funcionamento. Diante dessa afirmação, não serei uma pessoa que irá consertar outras, assim como se faz com uma máquina que não está em bom funcionamento, e a leitura do manual e a reposição de uma peça resolverão a questão. A Psicologia, para mim, está no contraponto dessa frase. É na aceitação incondicional do próximo, em sua totalidade e de sua tendência inata, a capacidade de mudança que o foco deve estar (ROGERS, 2018).

Seja no campo da terapia individual ou em grupos, é por meio da autêntica relação com o outro que conseguirei facilitar o caminho da mudança e serei, certamente, tocado por ela.

Não me colocarei em posição de saber, como dono da verdade, mas, sim, como um colaborador, desafiando e desafiado, constantemente, no vasto processo da relação humana. Meu intuito é de buscar, no caminho, a congruência com sua vida e objetivos, trazendo à consciência, no aqui e agora (ROGERS, 2018).

Na graduação, fomos expostos às atividades práticas desde o quarto período, no âmbito clínico e social. Sinto-me bem com isso, pois a verdadeira experiência está na ação, em conseguir aplicar a teoria no cotidiano. Afinal, a Psicologia está presente em cada pessoa e relação interpessoal. Lembro-me, com um sentimento marcante, das experiências em um centro de educação infantil, vivência, inclusive, que será relatada por mim neste portfólio. Sempre gostei muito de crianças e de sua sinceridade nas situações. Quando comecei o estágio no referido local, queria, além de aplicar a teoria para contribuir no desenvolvimento, deixar uma marquinha a mais do meu “eu” ali.

### 2.2.2 Relato de experiência

Após um primeiro encontro com um centro de educação infantil, onde presenciei algumas brigas entre as crianças, principalmente, pela posse de brinquedos, comecei a incluir uma ação. Toda vez que duas crianças estavam em conflito por algo, me aproximava, abaixava de frente para elas e, com serenidade, falava para pedir ao colega antes de tentar tomar dele, acompanhado de um pedido de desculpas, caso houvesse necessidade, um obrigado e um abraço, ação que repeti diversas vezes.

O resultado disso me marcou muito quando, nos últimos encontros, percebi um aumento significativo no número das falas de obrigado e pedidos de desculpa, além de vê-las se abraçando várias vezes. Além disso, em determinado momento em que eu os observava, dois alunos que, em algumas ocasiões, conflitaram entre si e com outros colegas, trocaram os brinquedos, acompanhado da fala “obrigado” e seguido de um abraço. Por mais que tenha sido uma situação simples, o sentimento que tive naquele momento foi inexplicável e gratificante.

A situação colocada acima reforça em mim o sentimento de que, além de profissão ou fonte de renda, a Psicologia nos ajuda a perceber e contribuir em qualquer momento, lugar ou contexto. Afinal de contas, somos, simplesmente, pessoas em contato com outras pessoas. Isso já é o bastante para poder agregar de cada situação, é o bastante para ser humano.

A vivência que será relatada neste portfólio ocorreu em um centro de educação infantil na cidade de Lavras, MG. Essa unidade foi inaugurada na década de 1980. Atualmente, é composta por, aproximadamente, 50 funcionários e tem mais de 200 crianças matriculadas em turmas

distribuídas em período de tempo integral, atendendo a faixa etária de quatro meses até três anos e onze meses.

A turma determinada pela equipe gestora, para que o estágio institucional fosse realizado, foi um berçário formado por 20 alunos, com idade média de dois anos e cuja regência diária de trabalho era desenvolvida por três educadoras. O estágio foi realizado com o objetivo de, junto às educadoras, desenvolver atividades, aplicar e observar as crianças por meio de encontros semanais com duração de duas horas, na sala de aula (Foto 4). Desejava-se criar um ambiente ainda mais estimulante para o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo, além de elencar apontamentos para o exercício da psicologia dentro de instituições de educação infantil e a relevância desse trabalho.

Foto 4 – Sala de aula do centro de educação infantil



Fonte: arquivos dos autores (2019).

A foto 5 refere-se à atividade desenvolvida durante o período de vivência, na qual as educadoras disponibilizaram uma cartolina grande e pincéis para que as crianças se expressassem através da pintura. A atividade durou cerca de 40 minutos e contou com a participação de todos os presentes na sala. Além do estímulo criativo interno dado a cada criança, frente a uma folha em branco, realizar a atividade em grupo permite facilitar o processo de aprendizagem, concomitantemente, o desenvolvimento, fator que é possível observar na obra de Rolim, Guerra e Tassigny (2008):

Há o percurso natural do desenvolvimento definido pela maturação humana, mas é o aprendizado junto ao contato do indivíduo com um ambiente cultural que possibilita o acontecer dos processos psicológicos internos. O desenvolvimento

da pessoa está extremamente ligado a sua relação com o ambiente sócio-cultural e só irá vingar se tiver o contato e o suporte de outros indivíduos de sua espécie. O desenvolvimento fica impedido de ocorrer na falta de situações propícias ao aprendizado (ROLIM, GUERRA & TASSIGNY, 2008, p. 179).

Podemos observar a riqueza de elementos estimuladores na atividade desenvolvida. A análise baseia-se nos conhecimentos agregados nas disciplinas de Psicopedagogia, Psicologia Educacional e Escolar e Psicologia do Desenvolvimento. A pintura trabalha coordenação motora e percepção espacial, propiciando a sensação de bem-estar psicológico, além de permitir externalizar emoções através da arte e aprendizados sobre as cores. Estar próximo do colega é um exercício de limite, aceitação, interação e aprendizagem dos pequenos, pois é na presença do outro que a constituição psíquica se desenvolve, segundo Oliveira (1993):

A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento proximal é, pois, um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã (OLIVEIRA, 1993, p. 37).

Em Psicologia Educacional e Escolar, visualizei como um ambiente escolar pode influenciar, positiva ou negativamente, no processo e o quão positiva pode ser a contribuição do psicólogo atuando nesse contexto, segundo Freire (1979, p. 84): "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo". Em Psicopedagogia e Psicologia do Desenvolvimento, pude perceber um pouco além do contexto social. Vi como o processo individual interno também é importante e, com isso, apurei minha observação sobre fatores como a habilidade psicomotora, cognitiva e o processo de maturação desses fatores, levando em conta a fase de vida em que as crianças se encontravam.

Foto 5 – Pintura livre em grupo



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Uma atividade que realizamos várias vezes, durante o período de vivência, foi a de contar histórias para a turma, mas pedindo a participação das crianças em diferentes momentos. As histórias eram contadas com o auxílio de fantoches e um mural com gravuras (situado atrás da educadora na imagem na foto 6). O objetivo era o de provocar a imaginação e o processo de percepção no visual, mas, além disso, eram constantes as indagações feitas às crianças, como: “qual é esse animal?”, “o que é esse objeto?”, “o que vocês acham que aconteceu?”.

Tais pedidos de participação das crianças visavam a que elas se expressassem também pela fala, estimulando o processo de desenvolvimento verbal, o qual também é imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, como aponta Vygotsky (2007):

A criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também através da fala. Como resultado, o imediatismo da percepção "natural" é suplantado por um processo complexo de mediação; a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança. Mais tarde, os mecanismos intelectuais relacionados à fala adquirem uma nova função; a percepção verbalizada, na criança, não mais se limita ao ato de rotular. Nesse estágio seguinte do desenvolvimento, a fala adquire uma função sintetizadora, a qual, por sua vez, é instrumental para se atingirem formas mais complexas da percepção cognitiva (VYGOTSKI, 2007, p. 25).

Mesmo que, por simples palavras, sem complexidade na comunicação verbal, as crianças conseguiram comunicar muito. Uma história contada com carinho pode levar a criança a aguçar sua percepção, imaginação, além da criatividade e fala quando estimuladas a participarem do processo.

Foto 6 – História contada



Fonte: arquivos dos autores (2019)

## 2.3 JORDANA EURICO CAMPOMORI

### 2.3.1 Apresentação

Eu me chamo Jordana Eurico Campomori, tenho vinte e quatro anos, sou natural da cidade de Nepomuceno, Minas Gerais, mas, atualmente, resido na cidade de Lavras e estou no décimo período de Psicologia, no Centro Universitário de Lavras.

Talvez o meu interesse pela Psicologia não tenha surgido, diretamente, voltado para o atendimento psicológico, mas nasceu a partir do meu interesse pela musicoterapia. Sou musicista, formada pelo Conservatório Estadual Maestro Marciliano Braga na cidade de Varginha, Minas Gerais. Sempre tive a visão de que a música surte efeitos terapêuticos e poderia servir como instrumento para trabalhar o desenvolvimento em diversas áreas de pessoas com deficiências. Para mim, a música é considerada a arte que manifesta as emoções através de pausas e sons musicais.

Quando conheci o trabalho da musicoterapia e como ela acontecia, me identifiquei também com a Psicologia. A partir dela, percebi que, com o processo de escuta e busca pela compreensão do “quem sou eu?”, pode ser benéfico trabalhar a terapia com música, onde eu possa fazer com que as pessoas percebam uma evolução, tanto mental, quanto nos aspectos que envolvem o desenvolvimento corporal. Acredito no poder que a Psicologia tem diante do sofrimento das pessoas e como a musicoterapia pode trabalhar para ajudá-las a colocarem para fora suas expressões e emoções, auxiliando no tratamento e no bem-estar de cada pessoa. Durante os cinco anos de preparação para me tornar uma profissional da Psicologia, me perguntei, muitas vezes, se eu estava no caminho certo. Essa pergunta foi feita a mim até por professores, por verem meu envolvimento com a música e pensarem por que eu não estava seguindo uma carreira musical. Nunca desejei a fama. Sempre acreditei que meu trabalho seria voltado para usar o que sei e ajudar, de alguma forma, as pessoas.

Para citar um exemplo particular, tenho na família uma pessoa com deficiência física, a quem pude dar aulas de teclado. Porém o interessante é que esse familiar não possui a coordenação com as mãos por serem travadas. Sendo assim, o trabalho com ele foi realizado através dos pés. É muito mais que tocar. Esse trabalho proporcionou a ele o desenvolvimento da atenção, da coordenação motora, da leitura e da psicomotricidade. Assim, compreendi que o caminho que eu estava buscando era, realmente, o que me fazia sentir realizada. Hoje, é possível perceber o quanto a Psicologia me transformou durante esses anos. Aquela frase muito conhecida de Carl G. Jung (2002) “Conheça todas as técnicas, domine todas as teorias, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” me faz sentido, após perceber a evolução que a Psicologia me trouxe.

Posso dizer que, até hoje, estou aprendendo a ser uma pessoa humana. Compreender o sofrimento do outro sem julgamentos é um exercício diário que deverá ser feito, constantemente, durante a profissão.

Sendo assim, minhas perspectivas quanto à profissão de psicóloga, partem do princípio que não estarei ali para trazer soluções concretas, resolver todos os problemas, mas, sim, para, de alguma forma, ajudar as pessoas na busca de si mesmas e de suas capacidades de expressão e autorrealização (ROGERS, 2018).

### 2.3.2 Relato de experiência

A experiência a ser relatada foi realizada em um centro de atenção psicossocial com ênfase em álcool e outras drogas (CAPS AD) de uma cidade do sul de Minas Gerais, durante o primeiro semestre do ano de 2019. A vivência se deu por meio de um projeto de extensão com o objetivo de proporcionar aos pacientes que frequentam o local, momentos de reflexão e trabalhar a redução de danos que são causados pelo uso de álcool e outras drogas.

O CAPS AD é um centro de atendimento que tem por finalidade atender a sociedade, oferecendo o acompanhamento biopsicossocial de pessoas que precisam dessa atenção. É importante lembrar que a instituição faz parte das estratégias pós-reforma psiquiátrica e promovem o tratamento humanizado para as pessoas em recuperação da toxicodependência. O CAPS AD é destinado para usuários de álcool e outras drogas, com tratamento médico e psicológico, a fim de se reabilitarem de uma forma gradual e subjetiva, pois cada um possui sua individualidade, disposição para o tratamento e assim se faz no tempo de cada usuário. Para obter bons resultados, o CAPS AD oferece atividades físicas, manuais, oficinas, além de um ambulatório, caso o usuário tenha efeitos colaterais da medicação, abstinência ou que necessite de outros tipos de cuidados.

O centro onde foi realizada a experiência começou a funcionar no ano de 2011 e vem oferecendo, desde então, atendimentos individuais terapêuticos e/ou medicamentoso. Nos atendimentos coletivos, oferece as oficinas, atividades como plantio de hortaliças, atividades recreativas, profissionalizantes, artesanatos e mantém o foco de reinserirem essas pessoas na sociedade, buscando um apoio familiar para que esses pacientes sejam acompanhados. Sua estrutura física dispõe dos seguintes espaços: uma casa de dois andares onde, na chegada, se encontra a recepção, sala administrativa e sala médica. Na sequência, saindo pela área externa, encontramos o pátio onde são realizadas as atividades físicas. Ao lado, encontram-se a cozinha e o refeitório, onde também funciona a sala de televisão. Essa mesma sala dá acesso ao banheiro e sobe para a área de oficina onde os pacientes realizam as atividades e os encontros conosco.

Logo acima, encontramos a área externa onde há uma piscina desativada, uma pequena horta na qual os pacientes realizavam o cultivo de vegetais para o próprio consumo dentro da instituição, um banheiro e uma pequena academia criada pelos próprios pacientes com materiais reciclados.

A equipe profissional é formada por um médico psiquiatra, um médico clínico, uma enfermeira-chefe, quatro técnicos em enfermagem, uma psicóloga, auxiliares administrativos, equipe da cozinha e um professor de educação física. Hoje, o CAPS AD oferece o atendimento psicossocial para todos os usuários do serviço, que também participam das atividades todos os dias, de segunda à sexta-feira, das 8 horas às 17 horas e tudo é ofertado de maneira gratuita.

A redução de danos faz parte de um conjunto de políticas públicas, visando adotar estratégias a fim de obter possíveis formas de intervenções psicológicas e socioeducativas, para trabalhar os riscos e danos (LIMA; CAPANEMA & NOGUEIRA, 2017). Sendo assim, o trabalho realizado buscou trazer, através de rodas de conversa, desenhos, oficinas, dinâmicas e música, reflexões sobre diversos temas que os pacientes trouxeram como demanda na primeira semana em que tivemos o primeiro encontro.

Além dessas estratégias, trabalhar com a redução de danos é trazer a visão da responsabilidade diante desse ato e minimizar os processos adversos que podem surgir como efeito. Nas palavras de Lima, Capanema e Nogueira (2017):

Quando trabalhamos com esses pressupostos, constatamos que usar ou não usar drogas é uma escolha do sujeito, e nesse caso é preciso visar à responsabilização dos usuários pelas escolhas que fazem e que de alguma maneira resultam na alteração de seu comportamento, no cuidado com sua saúde, com seu corpo, no seu convívio social, familiar, profissional (LIMA; CAPANEMA & NOGUEIRA, 2017, 2017, p. 7).

Não é o objetivo interferir nas escolhas que os pacientes fazem diante do usar ou não determinada substância, mas, sim, conscientizá-los sobre aquilo que escolhem, a fim de mostrar os riscos que podem oferecer como resultado, a partir do consumo.

Desde o início, o grupo buscou oferecer o apoio de forma dinâmica e democrática, respeitando suas individualidades, história de vida, processos de recaídas que, muitas vezes, aconteceram, etc. Oferecer essa segurança trouxe também o resgate de identidades que foram esquecidas com o vício e a vulnerabilidade diante da sociedade.

Mesmo ofertando essa segurança, alguns dos pacientes não participavam das atividades, por pensarem que não dariam conta de realizá-las ou, até mesmo, por vergonha. Abaixo, descreverei algumas das atividades realizadas.

### 2.3.1.1 Atividade: Usuários e Sociedade

A atividade teve como objetivo levar o grupo a refletir sobre sua relação com a sociedade, como são estabelecidas, dificuldades encontradas para a sua efetiva reinserção. Sendo assim, foi adaptada a dinâmica do “Cabeça, mão, pé e coração” (Fotos 7 e 8), onde papéis com desenho de um boneco impresso foram distribuídos. Os participantes escreveram em cada parte do corpo do boneco, de acordo com as orientações, aquilo que os representava: na cabeça, os planos que almejam; nos pés, o que têm feito para conseguirem alcançar tal objetivo; nas mãos, o que podem oferecer e, no coração, os sentimentos que são despertados.

Foto 7 - Dinâmica “Cabeça, mão, pé e coração”



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Foto 8 - Dinâmica “cabeça, mão, pé e coração”



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Na foto 7, é possível perceber sentimentos como desânimo, tristeza e solidão. Geralmente, esses sentimentos acompanham os pacientes com a sensação de inferioridade. Já na foto 8, são evidenciados o apego à família e o desejo de conseguir retomar a vida com o tratamento, além da referência à torcida pelo Flamengo.

### 2.3.1.2 Atividade: Fases do luto

Nessa atividade, o objetivo era fazer com que o grupo pudesse se expressar acerca de cada fase do luto e as situações marcantes no luto que já vivenciaram. A partir da experiência dos participantes, relacionava-se com as fases do luto que pode ocorrer, não somente com o falecimento de alguém, mas também com o término de um relacionamento, abandono, afastamento, mudança de cidade e, inclusive, o luto em separar-se da droga.

Para Kubler-Ross (2005), o luto passa por cinco fases em que se identificam as reações psíquicas que cada indivíduo pode desenvolver ao longo desse processo. Na fase da negação, a autora a descreve como uma defesa psíquica, onde o indivíduo passa a negar determinada situação e não permite aceitar que aquela situação tenha ocorrido com ele. A segunda fase é marcada pela raiva, onde o indivíduo se sente injustiçado por ter ocorrido tal perda para ele, de modo que não se sente conformado por estar diante daquela situação.

A terceira fase é o processo onde o indivíduo coloca em evidência a barganha, período esse em que ele passa a pensar em negociações, a fim de se sentir um pouco melhor diante daquela circunstância. Já a quarta fase é chamada depressão, onde o indivíduo se encontra em melancolia, desanimado e pensativo sobre o que aconteceu. Por fim, temos a quinta fase que é a aceitação. Nesse ponto, a pessoa já se encontra em estabilidade emocional, já consegue aceitar a situação que vivenciou, de modo que seja possível encerrar o ciclo e continuar vivendo.

Como método foi utilizado um cartaz com as figuras que representavam as cinco fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A realização da atividade trouxe muitas lembranças, principalmente, relacionadas à perda de pessoas próximas como familiares, amigos e pessoas que pertenceram àquele grupo e também faleceram. Os pacientes criam vínculos afetivos que são fundamentais para sustentar o tratamento. Quando relatam suas perdas, também relatam que as perdas são seguidas de recaídas: uma maneira de fugir dos sentimentos que o luto traz. O próximo tema é a continuação da atividade, realizada na semana seguinte.

### 2.3.1.3 Atividade: Fases do luto do uso de drogas

Essa atividade trouxe as fases do luto, relacionando-as com o luto na dependência química e na abstinência. Nessa atividade, lembramos as fases do luto comentadas na semana anterior e propusemos fazer uma relação dessas fases com o período de tratamento, quando passam a deixar de fazer uso de substâncias. Nesse encontro, dois participantes que estavam, visivelmente, sob efeito de substâncias, foram os que mais compartilharam suas experiências com os efeitos que eram causados quando faziam o uso, destacando a barganha, substituir as

drogas utilizadas como *crack* e cocaína, por maconha e álcool. Outros dois participantes contaram sobre suas experiências nas internações clínicas pelas quais passaram. Destacaram os momentos de raiva por estarem ali, sofreram muitas agressões físicas e verbais. Um dos relatos foi o de ter sido medicado por estar muito alterado e dormiu por dois dias.

Ao final da tarefa, chegaram à última fase do luto: a aceitação. Ali, todos concordaram que aceitaram, de certa forma, a dependência que possuem das substâncias e por isso estavam nesse processo de tratamento no CAPS AD.

#### 2.3.1.4 Atividade: Fases do luto

Nesse encontro, o objetivo foi levar os participantes a se lembrarem de músicas que traziam emoções. Essas lembranças poderiam fazê-los recordar momentos que marcaram suas vidas. Foi utilizado um violão, e as músicas que foram citadas foram cantadas, a fim de fazer com que os pacientes pudessem se expressar durante a execução da canção.

De acordo com Nunes-Silva et al (2012), a utilização da música, através da musicoterapia, pode trazer para os pacientes a promoção de saúde, por meio das experiências musicais pelas quais o indivíduo passa, associações e relações que acontecem durante a execução, trazendo resultados positivos como mudanças em quatro áreas de funções humanas: física, cognitiva, social e psicológica. As autoras ainda consideram que a música pode proporcionar o relaxamento, melhora do humor e alívio de dores:

A partir disso, considera-se que a música tem uma função auxiliar no processo terapêutico ADI/TIP, por viabilizar a indução do relaxamento nos EPT's, propiciando, como proposto pelo método, a aproximação cada vez mais verdadeira dos conteúdos inconscientes. Sendo assim, também reduz o esforço desnecessário do paciente, permitindo, tanto quanto possível, que possa enfrentar seu sofrimento, e que seu processo terapêutico seja uma atividade profícua (NUNES- SILVA et al., 2012).

A música faz parte do homem desde que se fala em humanidade. Desde que os sons começaram a ser percebidos, já eram usados como comunicação e expressão. Assim, a música pode nos proporcionar diversas contribuições e trazer benefícios como bem-estar e alívio de estresse. Um dos pacientes, ao ouvir a sua música favorita, *Flor de Lis*, do Djavan, se emociona ao se lembrar da filha e a esposa que foram embora por não suportarem mais as consequências do vício. Outro paciente relacionou a música *É preciso saber viver*, dos Titãs, com o processo de recuperação e como poderia ser encarado o tratamento.

Foto 9 - Equipe na apresentação de Projetos de Extensão no Unilavras



Fonte: arquivo dos autores (2019)

### 3. 4 LEONARDO OLIVEIRA COSTA RIBEIRO

#### 2.4.1 Apresentação

Sou Leonardo, tenho 22 anos e desde muito jovem passei pelas mais diversas terapias. Sempre mantive uma curiosidade intensa pela forma com que os terapeutas trabalhavam. Uns despertavam curiosidade pelo que faziam de incrível, outras pela sensação de que faziam algo errado, e isso acabou por nortear minhas escolhas acadêmicas.

O meio social me encantou desde o início e tal encanto orientou minhas escolhas de estágio, sempre me colocando diante de contextos educacionais e com crianças. Atualmente, venho me encantando por uma nova área da Psicologia, contudo não retira toda a paixão que ainda sinto pelas crianças e pelos contextos pedagógicos.

Os estágios na área escolar propiciam a discussão sobre o espaço no qual se insere o profissional de Psicologia. Isso favorece o reconhecimento da atuação psicológica e a busca do planejamento de intervenções em Psicologia Escolar. Pensar nesses objetivos é entender que a Psicologia pode oferecer seus conhecimentos para a área da educação em geral e da educação infantil em particular, atingindo pais, crianças e profissionais que ali atuam. Sabemos que há conflitos e tensões na aproximação entre a Psicologia e a Educação, mas isso não implica negação da participação e da contribuição da ciência psicológica para a educação. Dentro dessa proposta, o trabalho com os grupos operativos e oficinas grupais é de suma importância para a realização dessas práticas. As oficinas, segundo Afonso (2018), também podem ser úteis nas áreas de saúde, educação e de ações comunitárias, usando de informações e reflexões, mas se distinguindo de um projeto apenas pedagógico, já que trabalha também com os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido.

Segundo Alice Bastos (2010), em seu artigo intitulado “A técnica de grupos- operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon”, a técnica de grupo operativo consiste em um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos. Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações. Já Foulkes & Anthony (1965) postularam algo que é de grande notoriedade para o desenvolvimento das atividades, quando falam dos porta-vozes no processo grupal.

Eles falam por meio de uma boca, agora através de outra. Correntes ativas dentro do grupo podem ser expressas ou vir à cabeça de uma pessoa em particular, entre pessoas em particular, ou podem, em certo sentido, ser "personificadas" em indivíduos. Mas o que quer que seja que esteja acontecendo no grupo é sempre encarado por nós como um processo desenvolvendo-se no grupo total.

Segundo Afonso (2018), citando Pichon-Riviére (1998), a oficina apresenta pontos inovadores no trabalho com grupos, mas se origina em outras práticas grupais, especialmente, os grupos operativos. A unidade básica operacional compreende a relação que há entre o existente, a interpretação e o novo emergente. A partir do aumento da operatividade de cada um no grupo, diminuem os conflitos apresentados. O sujeito é transformado pelo grupo e, ao mesmo tempo, é agente da mudança social. (Pichon-Riviére, 1998). Afonso (2018) também nos explica que oficina é:

Um trabalho estruturado com grupos, podendo incluir vários encontros e focalizado em torno de uma questão central que os sujeitos se propõem a elaborar, dentro ou fora do contexto institucional. Essa elaboração não se restringe à dimensão racional, mas pretende envolver os sujeitos de forma integral, sentimentos, formas de pensar e agir (AFONSO, 2018, p. 131 ).

Kurt Lewin também foi de grande contribuição para a realização deste trabalho, já que foi o postulador da teoria dos Pequenos Grupos. Lewin buscou, intensamente, compreender como as formas de discriminação e preconceito se reproduziam na sociedade, observando tal realidade social como algo multidimensional. Segundo Afonso (2018), Lewin desenvolveu sua teoria dos pequenos grupos a partir de pesquisas na área de aspectos psicológicos envolvidos nas mudanças sociais. Afonso (2018) nos traz a compreensão de que:

“Pequeno Grupo” é constituído por um número restrito de pessoas, unidas em torno de objetivos em comum, que se reconhecem com tal e que partilham entre si a existência de pelo menos um traço de identidade estando até certo ponto, vinculadas pela interdependência de sua condição, projeto e/ou trajetória social (AFONSO, 2018, p. 12).

Portanto, essas foram algumas das atividades realizadas e relatadas no presente trabalho, como forma de demonstrar como alcançamos o desenvolvimento de crianças por meio de grupos operativos e oficinas. No item seguinte, passo a fazer o relato da experiência dos estágios em Psicologia Social.

#### 2.4.1 Relato de experiência

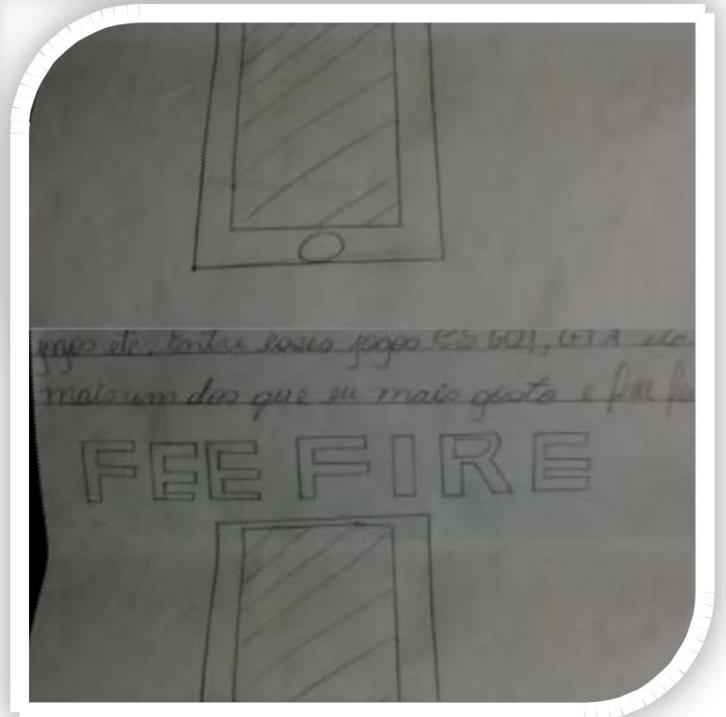
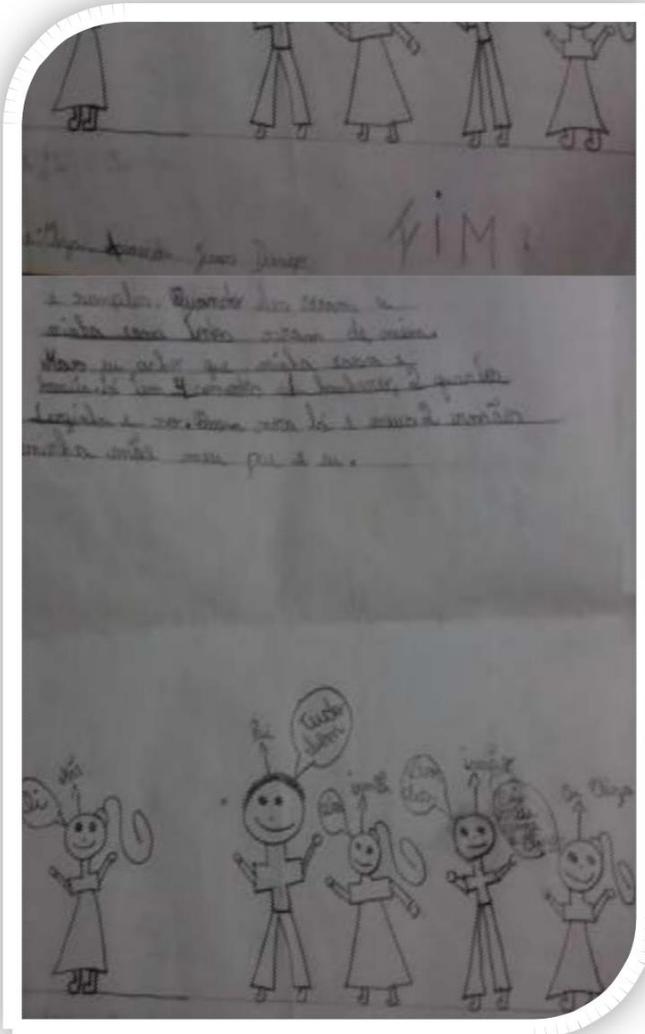
O objetivo deste relato é discorrer sobre a experiência do estágio na ênfase psicossocial. Ocorreu em uma das sedes das atléticas da Associação dos Amigos do Banco do Brasil (AABB), com um grupo de crianças com idade entre 7 a 15 anos.

Na referida instituição, dividiam-se as crianças em grupos, conforme as idades. Os grupos eram chamados de “mesas” em referência às mesas nas quais os grupos se sentavam para almoçar, tomar o café da manhã e fazer algumas atividades.

O grupo é um conjunto de pessoas, ligadas no tempo e no espaço, articuladas por uma mútua representação interna a que se propõem, explícita ou implicitamente, a uma tarefa, interagindo para isso em uma rede de papéis, com o estabelecimento de vínculos entre si (PICHON-RIVIÉRE, 1988).

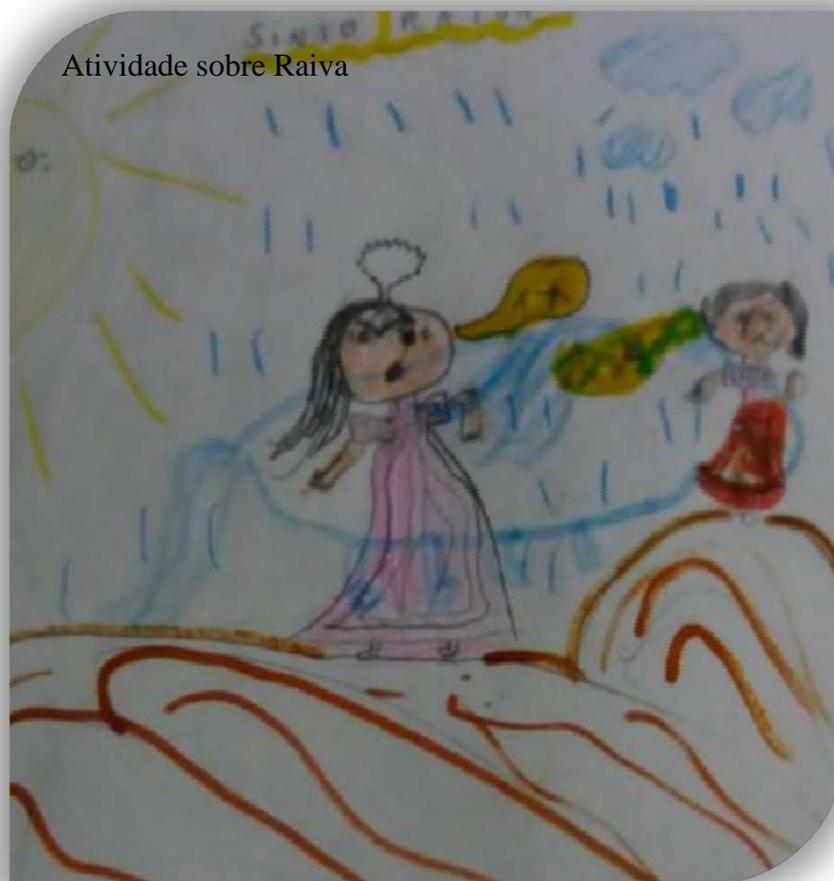
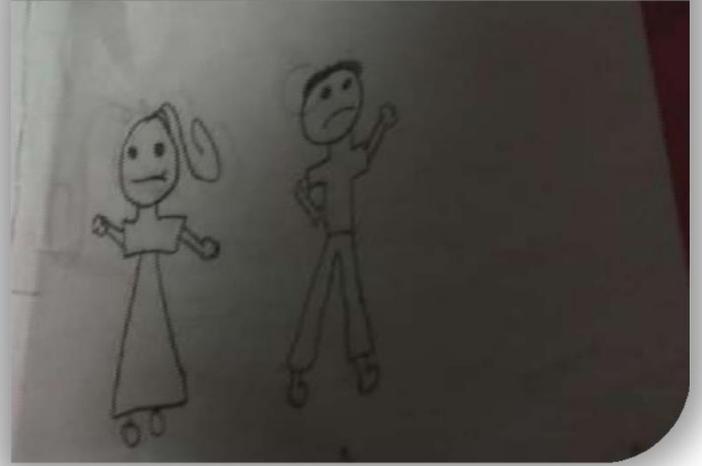
O trabalho desenvolvido visou trabalhar com crianças e adolescentes, partindo de questões emocionais, passando pelos temas respeito, confiança e sexualidade. O trabalho com esses temas, como um todo, visou o melhor desenvolvimento subjetivo e social das crianças e adolescentes e uma melhor integração na sociedade. As fotos seguintes registram essa vivência.

Fotos 10 – Atividades de autoapresentação

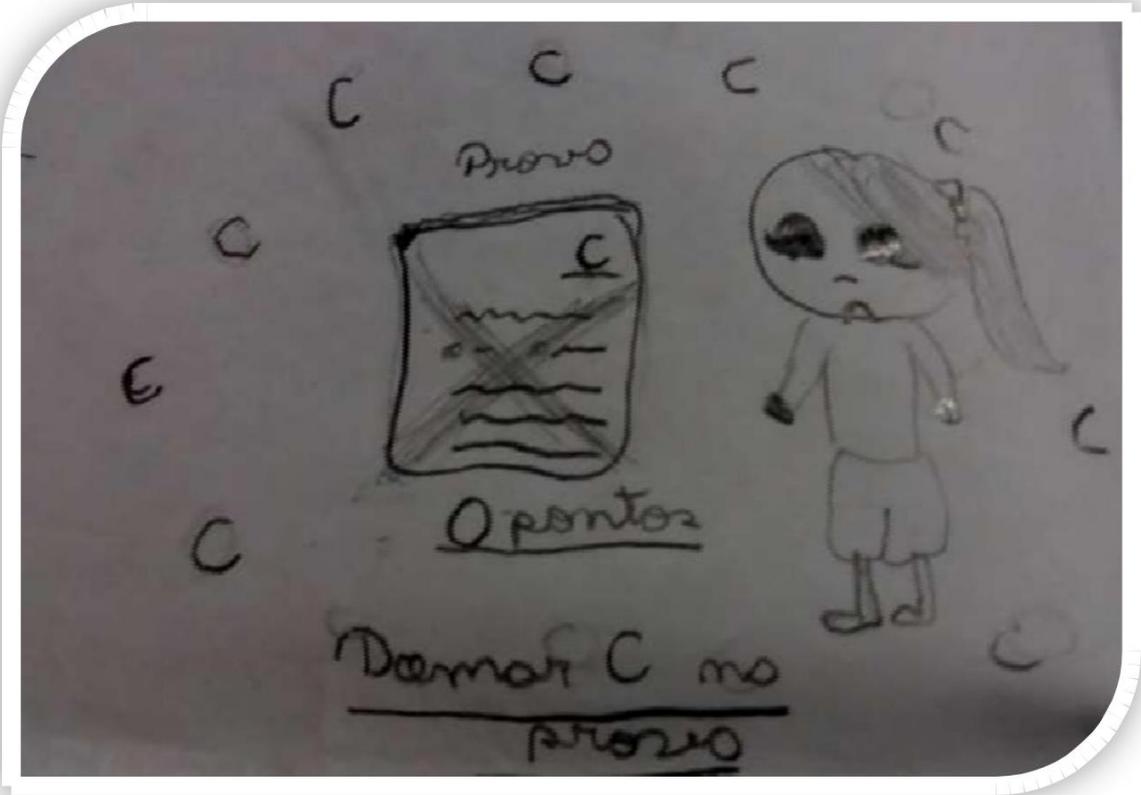


Fonte: arquivo dos autores (2019)

Fotos 11 – Atividade sobre a emoção “raiva”

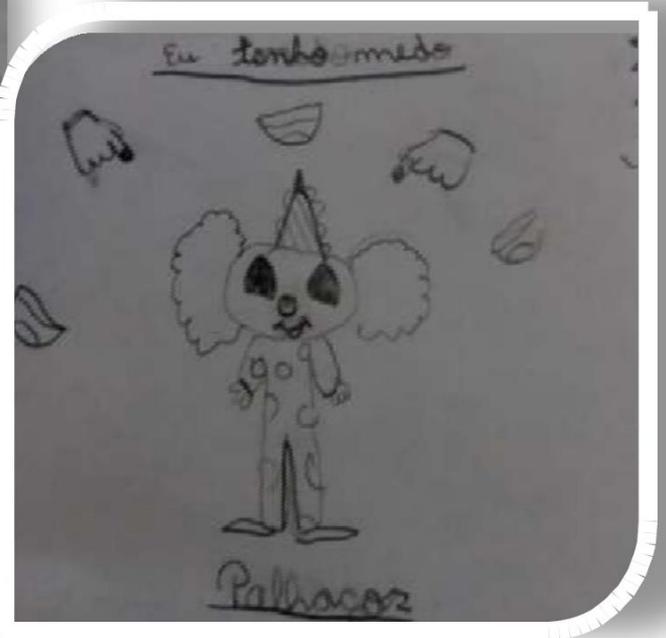
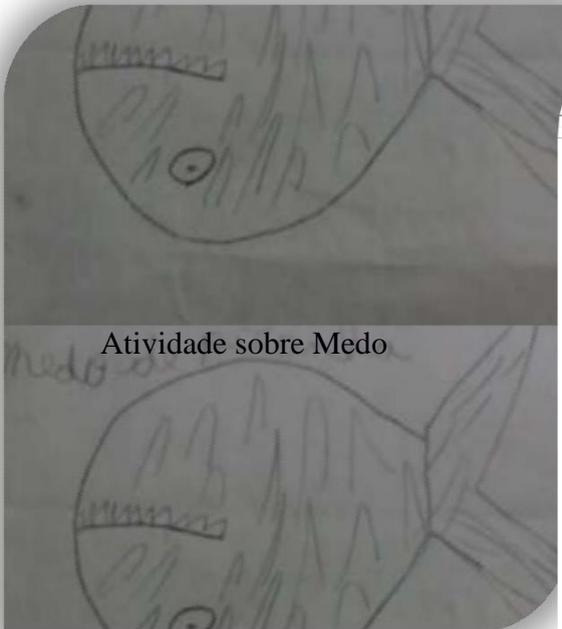
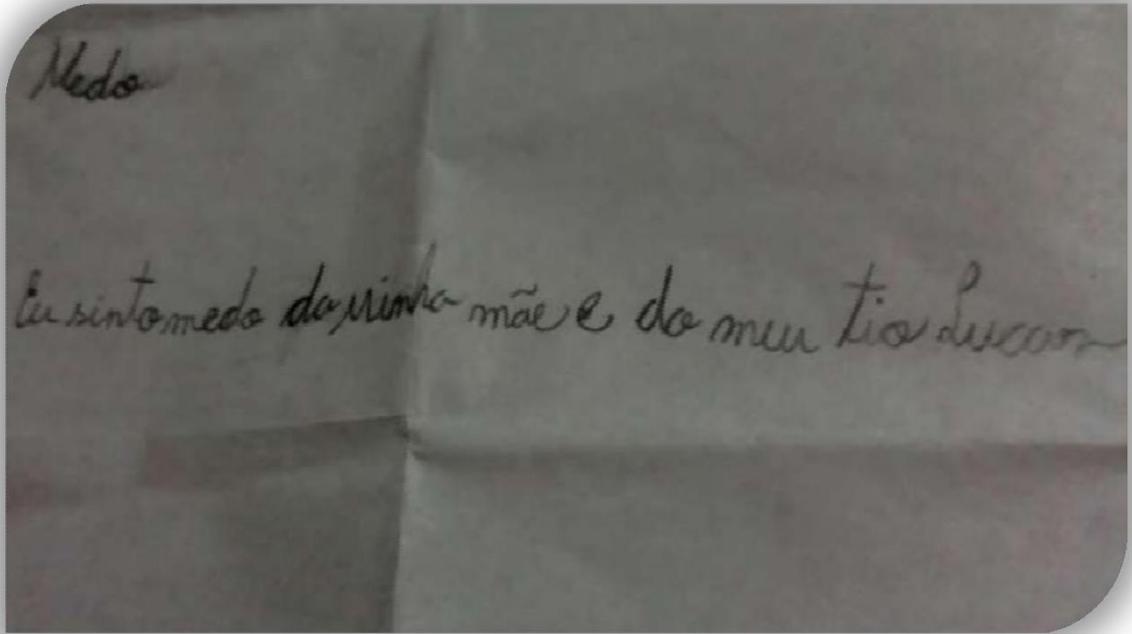


Fotos 12 – Atividade sobre o sentimento de “tristeza”



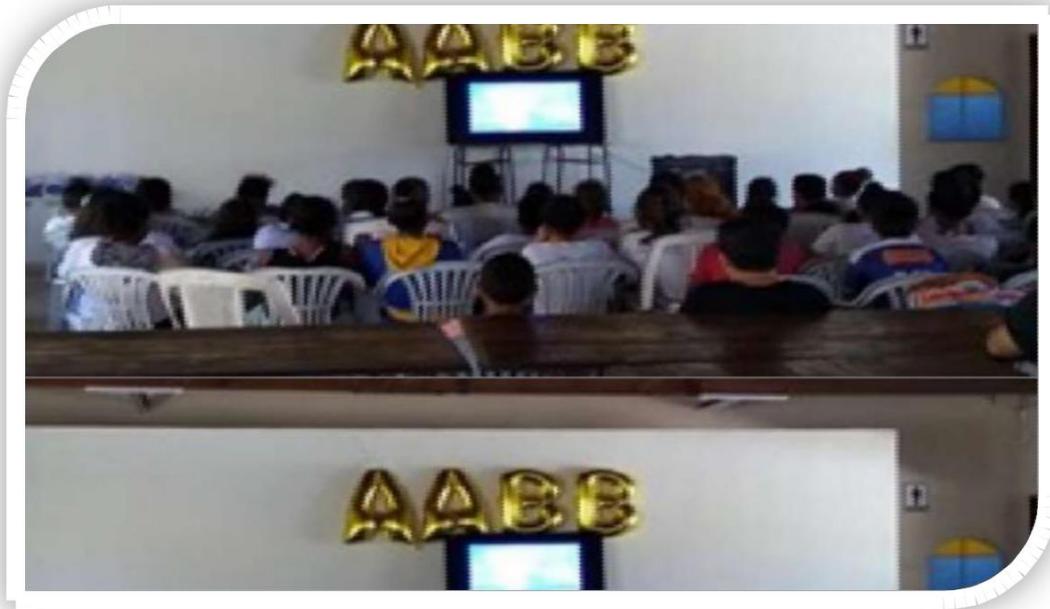
Fonte: arquivo dos autores (2019)

Fotos 13 – Atividade sobre o sentimento de “medo”



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Foto 14 – As crianças durante a exibição do filme “Divertidamente”



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Foto 14 – Atividade sobre as emoções após a exibição do filme “Divertidamente”



Fonte: arquivo dos autores (2019)

Fotos 15 – Crianças durante as atividades propostas



Fonte: arquivo dos autores (2019)

O início das atividades de estágio em uma das sedes da AABB, via projeto social “AABB Comunidade”, contou com a presença da professora e supervisora Cleonice de Faria Barbosa e dos demais estagiários, estudantes do curso de Psicologia. O primeiro contato foi com o coordenador, que apresentou a equipe de estágio (alunos) aos professores, servidores, e mostrou os espaços disponíveis para desenvolvimento das atividades. O momento foi de descontração e de experiência

para iniciarmos os trabalhos.

Após as apresentações, os estagiários foram encaminhados para a sala da coordenação no intuito de conhecer o funcionamento e rotina de trabalho na comunidade. O trabalho seguiu em desenvolvimento durante, aproximadamente, treze encontros. Como já foi citado, cada encontro funcionava em torno de mesas de atividades, tais como as que vão abaixo descritas.

Durante o estágio, o número de alunos, entre entradas de novos, saídas e transferências de turno, oscilou entre 18 e 25 crianças. Tais oficinas foram sendo delineadas e apresentadas para o grupo, conforme as ideias surgiam ao observar as dinâmicas interpessoais dos participantes, havendo sempre um grande foco em observar a aceitação para realização das oficinas e a não imposição de tal sobre esses que participavam. Afonso (2018) deixa claro que a oficina:

deve ser um trabalho aceito pelo grupo, nunca imposto. Isto pode significar que o grupo, como um todo, encomende a intervenção ou que, diante da proposição da Oficina por um terceiro – como no caso de uma escola pública que propõe a oficina aos pais- o grupo venha a aceitá-la e dela se apropriar. Muitos trabalhos realizados em instituições de saúde, educação ou em projetos sociais tem esse caráter. Nesse caso, a aceitação e a apropriação da Oficina pelo grupo e fundamental (AFONSO, 2018, p. 31).

As propostas de desenvolvimento das dinâmicas foram elaboradas junto à professora Cleonice de Faria Barbosa, orientadora deste estágio e, conforme as orientações de Afonso (2018). São quatro os momentos da preparação de oficinas: demanda, pré-análise, foco e enquadre e planejamento flexível. Vejamos o que cada fase demanda.

1. A “demanda” nem sempre aparece como um pedido explícito vindo do grupo, mas, sim, muitas vezes, aparece como alguma necessidade em forma de expressão que possam ser traduzidas de forma próxima à realidade do grupo social em questão. O profissional precisa de ter, a partir dessa necessidade, uma escuta articulada ao contexto sociocultural, para poder nomeá-la como demanda, a partir da observação e ou diálogo com o grupo atendido.
2. A “pré-análise” inclui o levantamento de dados e aspectos importantes dessa questão, que poderão ser relevantes para o trabalho na Oficina. “Quais são as principais informações a serem trabalhadas? Que aspectos emocionais e relacionais o tema parece levantar?, etc”. Isso não tem como intenção criar uma programação rígida para o grupo, mas, sim, qualificar as atividades que serão desenvolvidas durante o trabalho.
3. No “foco e enquadre” é onde os temas-geradores serão observados e desenvolvidos. O Foco é o tema em torno do qual cada trabalho será deslanchado. Cada tema gerador pode ser trabalhado em um ou mais encontros. Já o enquadre diz respeito ao número e tipos de participantes, o contexto no qual estão e por que serão desenvolvidos, os recursos e locais disponíveis e o número de encontros.

4. No enquadre, é necessário sempre pensar em termos que facilitem a livre expressão dos participantes e a troca de experiências com aquele que apresenta as atividades propostas, para assim melhor propiciar *insights*, elaborações sobre questões subjetivas, interpessoais e sociais, e potencializar as ações terapêuticas do trabalho grupal.

5. O “planejamento flexível” é, literalmente, o planejamento do que será realizado: planejar a oficina como um todo, detalhando cada encontro ou momento, previamente, e planejando o passo a passo da realização. Planejar a duração, número de encontros, mas sempre pautando que, muitas vezes, tal não ocorrerá, totalmente, como o planejado, assim evitando rigidez extrema. Atividades com maior número de encontros podem e devem ser planejadas conforme os encontros vão acontecendo e se desenvolvendo.

A primeira atividade foi de autoapresentação dos alunos por meio de um desenho no qual pudessem retratar algo sobre si e sobre coisas de que gostavam. Após realizarem tal desenho, foi pedido que o apresentassem e se apresentassem para mim, Leonardo, diante da turma, dizendo seu nome, apelido, idade e explicando seu desenho. Todos apresentaram, uns com mais timidez, outros com maior abertura.

A segunda atividade foi a exibição do filme “Divertidamente”, que conta a história de uma família que tem uma filha chamada Riley. Essa garota divertida de 11 anos de idade que enfrenta mudanças importantes em sua vida quando seus pais decidem deixar a sua cidade natal, no estado de Minnesota, para viver em San Francisco. Dentro do cérebro de Riley, convivem várias emoções diferentes, como a alegria, o medo, a raiva, o nojinho e a tristeza. A líder deles é Alegria, que se esforça bastante para fazer com que a vida de Riley seja sempre feliz. Entretanto, uma confusão na sala de controle faz com que ela e Tristeza sejam expelidas para fora do local. Agora, elas precisam percorrer as várias ilhas existentes nos pensamentos de Riley para que possam retornar à sala de controle - e, enquanto isto não acontece, a vida da garota muda radicalmente.

A terceira tarefa foi estimular a produção de desenhos e/ou textos onde os alunos expressaram o que traziam a eles a alegria, a tristeza, o medo e raiva a partir da motivação possibilitada pelo filme. As emoções não foram trabalhadas todas ao mesmo tempo. Foi utilizado um dia para cada emoção para melhor aprofundar e psicoeducar sobre as emoções.

Após analisar as atividades realizadas pelos alunos, percebi a dificuldade de lidar com seus medos e de apresentá-los. Então propus que falassem um pouco mais sobre eles e desenvolvi um bate-papo a respeito do tema para realizar a psicoeducação sobre essa emoção muitos expressaram temores relativos à agressividade de pais e/ou parentes, relativos a personagens virtuais como “momo”, insetos, palhaços e perdas familiares.

A despeito da raiva, ocorreu o mesmo em relação ao medo. Os alunos tiveram dificuldade em expressá-lo e falar sobre o que lhes causava raiva. Então optei também por realizar uma nova atividade onde os alunos pudessem falar sobre tal sentimento e desenhar ou escrever sobre o que lhes causava raiva, levando até eles a realização de psicoeducação sobre essa emoção.

Durante as atividades, em geral, foi notável a dificuldade que alguns alunos tiveram em respeitar o espaço, decisões e opiniões dos demais colegas. Sendo assim, realizei uma conversa onde os alunos expressaram suas concepções sobre o que é respeitar o colega, por meio da fala, e foi explicada a importância do respeito ao próximo.

Durante os estágios foram, intensamente, notadas certas condutas racistas vindas de certas crianças, em específico de uma menina preta contra outros colegas pretos. Sendo assim, foi trabalhado o respeito às diferenças e a multiculturalidade (o que também deu origem a ideia de trabalhar a música “Todos os Povos” do “Mundo Bitá” como atividade de encerramento). Utilizei de desenhos para trabalhar as diferenças.

Dentro da temática, optou-se também por trabalhar sobre autoaceitação, já que, após um episódio de racismo, foi realizada escuta com a aluna que praticou o ato, ou seja, a mesma aluna preta citada anteriormente. Foi possível perceber, nitidamente, que nela existiam sérios conflitos quanto a seus traços negróides (cabelo, cor de pele, nariz, olhos, cabelos) e intenso racismo dela para com ela mesma.

Essa oficina foi fundamentada a partir do capítulo 7 “Oh! Pedaco de mim. Oh! Metade arrancada de mim: oficina sobre questões étnicas, com adolescentes negras, em uma escola pública” - do livro “Oficinas em Dinâmica de Grupo”, da autora Maria Lúcia M. Afonso. Segundo a autora, é de suma importância que hajam novas formas de lidar com os problemas ligados à violência escolar e às questões étnicas, relatando:

[...] uma experiência de se lidar com o problema da agressão na escola, com uma visão e uma metodologia diferente, oferecendo aos alunos um espaço de elaboração das questões implícitas na violência entre colegas e criar um espaço de confiança, onde seja possível expressar seus conflitos, disputas, fantasias e autoimagem, oferecendo, também, condições propícias para a desconstrução e reconstrução de algumas representações sociais, especificamente ligadas ao estigma (AFONSO, 2018, p. 130).

Goffman (1988) em sua obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” definiu o termo estigma como o sinal da profunda depreciação utilizada para afastar de um grupo, esse dominante, certo indivíduo ou conjunto de pessoas com certas características que diferenciem tais da ‘norma’, resultando em indivíduos, grandemente, rejeitados, focos de discriminação e excluídos da participação nas mais diversas áreas da sociedade (GOFFMAN, 1988).

Após pedir para que a professora efetiva do projeto “AABB Comunitária” acompanhasse a turma nas atividades propostas nesse dia, a aluna em questão foi convidada para uma conversa entre nós dois e, nessa conversa, foram mostradas e apresentadas artistas negras que exaltavam suas cores, traços, cabelos e culturas, explicando sobre a escravização, sobre o pensamento escravocrata e sobre a origem do povo negro/preto no Brasil. Foi explicado também sobre a origem dos apelidos racistas que ela usava para ofender outros alunos negros e sobre a importância de sempre se lutar em prol de uma sociedade menos racista e pelo empoderamento das mulheres negras. Conversou-se, também, sobre a importância de sempre ter concebido que ela, enquanto mulher negra, pode ocupar o lugar que ela quiser na sociedade. Mostraram-se a ela, vídeos e imagens, mulheres negras famosas e anônimas bem sucedidas que ocupam os mais diversos cargos e empregos na sociedade.

Após a conversa, nos encontros seguintes, foi notada uma mudança de percepção e boas elaborações, já que os comentários e ofensas racistas cessaram e ela substituiu os cabelos, que sempre estavam presos, por usar seus lindos cabelos cacheados e volumosos soltos.

Foi realizada, também, uma atividade onde se utilizou de uma brincadeira conhecida, porém com algumas adaptações: o “Telefone-Sem-Fio”, mas, em vez de frases, usei de mímicas, dispoendo os alunos em fila indiana, instruindo os alunos a apenas virarem para trás quando o colega tocasse em seu ombro para reproduzir a mímica recebida.

Essa atividade foi realizada após perceber que, muitas vezes, os alunos brigavam entre si por, nitidamente, não haver boa comunicação entre eles. Nessa oficina, o último que recebia a mímica, recebia uma mímica totalmente deturpada se comparada com a original. Com isso, foi possível explicar a eles a importância de sempre se comunicarem antes de tomarem atitudes. Entenderam que o comunicado sobre o que era a mímica, em vez de apenas reproduzirem em silêncio, a mímica haveria chegado ao fim com menos alterações. (Mímicas: ligando a chave da moto, pisando no chão e pilotando para direita e esquerda, mímica de uma galinha batendo asas duas vezes e olhando pra cima e mímica de uma pessoa mandando beijo e desenhando um coração e estrela no ar).

E, por fim, trabalhei uma canção de encerramento chamada “Povo de todas as cores”, Mundo de Bitá. Essa canção tinha o intuito de demonstrar, mais profundamente, a diversidade dos povos e a importância de respeitar todos, independentemente, da origem, introduzindo o conceito de xenofobia e explicando o quanto ela era desfavorável ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Terminada a apresentação musical, foi proposto que todas se abraçassem, o que foi realizado

com facilidade e sem nenhuma resistência, emocionando-as. Após tal feito, o conflito cessou e não mais apareceu entre tais alunas. Finalizou-se o estágio.

## 2.5 ROZILAINE DE SOUZA FERREIRA

### 2.5.1 Apresentação

Eu me chamo Rozilaine de Souza Ferreira e tenho 27 anos. Ingressei no curso de Psicologia do Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS) em 2015. Nessa época, morava na cidade de Perdões, Minas Gerais. Contudo, pela dificuldade de ir e vir todos os dias, mudei para Lavras, onde estou até hoje.

Sempre tive a motivação e desejo de trabalhar com pessoas para ajudar e fazer a diferença na vida delas. Inicialmente, quando comecei o curso, já me identifiquei com algumas abordagens e decidi, realmente, que queria continuar. Destaco o início dos estágios nas áreas sociais e na clínica como a oportunidade de aplicar todo o conhecimento compartilhado pelos professores e supervisores. Essas vivências superaram minhas experiências e, hoje, posso agradecer pelo que já vivi e pela nova etapa que está por vir. Aqui trago o relato de um desses estágios na área psicossocial.

O presente trabalho irá trazer relatos do estágio supervisionado em uma associação de uma cidade do sul de Minas Gerais. Com atividades realizadas por iniciativa da prefeitura do município, trata-se de uma entidade beneficente, sem fins econômicos. Iniciou-se em 2004 e em 2009 foi reconhecida, publicamente, como o local de acesso das pessoas com deficiências físicas ou intelectuais. A associação tem como objetivo estruturar e facilitar o convívio entre as pessoas com síndrome de Down, transtorno do espectro autista, com deficiência física, mental ou transtorno de depressão maior.

As atividades eram realizadas na quadra. O espaço era amplo e os participantes podiam correr e fazer todas as atividades, pois havia um horário destinado somente a eles. Além da quadra, havia um espaço de lazer no qual podiam fazer caminhadas para desenvolver o movimento. Interessante é que os que tinham mais desenvoltura para caminhar ajudavam os demais nas cadeiras de rodas.

Havia oficina de música e os instrumentos eram todas de material reciclado e feitos por eles mesmos. Essas atividades eram feitas ao ar livre, pois o ambiente tinha um espaço para práticas esportivas como o *skate*. Lá os participantes gostavam de ficar sentados ao tocar os instrumentos. Também levavam caixinha de som e colocavam as músicas que eles mais gostavam.

### 2.5.2 Relato de experiência

Eu, Rozilaine, no âmbito do estágio como pessoa e aluna tentei dar o meu máximo para que pudesse a agradar a todos ali presentes. Essa área que busco para ser minha profissão, me traz

muitos momentos de alegria. Posso perceber que ajudar as pessoas é se ajudar, é ter empatia de poder olhar para o futuro e ver que tudo que passou foram momentos de aprendizados que levarei para toda a vida.

Realizei o meu estágio de inclusão em 2016 com encontros duas vezes por semana no período de duas horas. De início, começando com um processo de escuta e de adaptação, conseguimos sentir que eles eram muito carentes, que sempre estavam fazendo alguma coisa para chamar a atenção. De acordo com David e Zimerman (2000), as pessoas e os grupos humanos com os quais convivem e partilham experiências, a função de adaptação é feita através de capacidades do ego consciente, como são, entre tantas outras, as de percepção, pensamento, juízo crítico, conhecimento, linguagem, comunicação e ação.

Todos os trabalhos feitos com os alunos foram totalmente analisados e embasados para o melhor desempenho, buscando importantes conceitos da psicoterapia em grupo. Os contatos iniciais foram apresentados e realizados pelas professoras. Podíamos acompanhar a estrutura das atividades que elas já realizavam com eles no espaço da quadra. O desenvolvimento no decorrer do ano, a percepção e o carinho que eles têm um pelo outro é gratificante. Num primeiro instante, o estágio me proporcionou muito conhecimento, estava disposta a ajudar, ouvir e acolher.

Cada aluno que participava das atividades era acompanhado de uma instrutora que levava em consideração o dever de preservar sua identidade e integridade, pois cada um deles trazia algum sentimento de desintegração. Consequentemente, seria necessário pensar e repensar no que iriam dizer, pois a interpretação julga muito o inconsciente deles. Determinadas palavras podiam levar os mesmos para algum tipo de alforria, todavia, nos momentos de atendimentos em grupo, eles sempre articulavam seus sentimentos de ansiedade, identidades pessoais, relatos de acontecimentos do dia a dia, sempre buscando papéis individuais de escuta e atenção entre eles.

Fotos 16 - Realização de dinâmica das cores



Fonte: arquivo dos autores (2016)

As figuras da foto 16 mostram um pouco de como era a relação nos momentos de dinâmicas aplicadas. Os alunos sempre ficavam atentos. Essas dinâmicas ajudavam a entender como estava o sentimento deles no dia. Foram reproduzidas frases e eles mostravam as cores azul (feliz) ou vermelha (triste), representando qual o sentimento estava presente naquele dia.

Todos os encontros semanais se tornavam uma relação mais próxima com os alunos. Podia-se perceber que as relações acionavam um pouco de competitividade, podiam ser na forma de interagir e no movimento de receber atenção de todos os estagiários que estavam envolvidos. Conhecemos o princípio básico de que o grupo e as individualidades são indissociados e se encontram em um permanente jogo dialético entre si (DAVID; ZIMERMAN, 2000).

Foto 17: desenho de mandala colorido por um dos participantes



Fonte: arquivos dos autores (2016)

Pode-se observar, na foto 17, o desempenho do aluno para juntar as cores e colorir toda a mandala. As dinâmicas de colorir traziam um momento diferente para eles. Era um momento de descontração onde eles podiam observar e relatar, no desenho, as cores de que mais gostavam. Em relato de uma aluna, ela dizia que as quintas-feiras eram as melhores, pois estavam em grupo com os colegas e podiam expressar suas expectativas. David e Zimmerman (2000) afirmam que, mesmo que um grupo se caracterize por meio de uma nova identidade grupal, a identidade individual é fundamental que seja conservada e respeitada.

Todos os trabalhos realizados tiveram como objetivo principal demonstrar aos alunos que cada um é único e que cada um tinha sua essência própria. Também exaltar que eles eram queridos e, aí, posso lembrar o rostinho de cada um, a forma de carinho que eles tinham quando chegávamos à associação. Eram abraçados, e eles queriam falar o que haviam feito durante a semana.

O desenvolvimento da escuta com os alunos trazia valorização e embasamento ao estágio realizado e dava-se o sentimento de empatia pelo próximo. Percebi que todos necessitam de ajuda e acolhimento tanto dos envolvidos no grupo quanto os familiares que os acompanhavam e participavam das atividades juntos.

Foto 18 - Atividades desenvolvidas em grupo



As figuras da foto 18 representam os alunos praticando atividades em grupo e físicas, com o intuito de aliviar tensão e estresse, aumentar sua energia física e mental e proporcionar um bem-estar aos alunos.

Quando iniciei a segunda etapa do estágio em 2017, os encontros já estavam mais evoluídos e desenvolvidos, os alunos estavam adaptados. Houve um encontro com os familiares para saber como era o convívio em casa e como os alunos se comportavam depois que saíam. Todos que puderam comparecer trouxeram um relato onde se pode conhecer um pouco mais de cada um. Foi redigido um relatório e entregue à diretora para melhor adaptação com os alunos. Segundo Goffman (1988), o processo de identificação pessoal pode ser observado, claramente, em ação que se torna ponto de referência para pequenos grupos.

### 3 AUTOAVALIAÇÃO

#### 3.1 ARILSON ÁVILA CARLOS

Mesmo com todos os percalços, como falta de material para efetivação de um bom trabalho, o pouco apoio da instituição, o tempo limitado para a execução das atividades, acredito que, ainda assim, pude contribuir para o crescimento e desenvolvimento de todos os envolvidos no processo. Viabilizamos novas perspectivas para algumas pessoas que participavam do projeto, haja vista que, até os dias atuais, ainda mantenho contato com muitos que lá estavam.

No que diz respeito a mim, tenho muito a agradecer a todos que fizeram parte de minha trajetória nesse projeto, pois contribuíram de forma maciça para o meu desenvolvimento acadêmico e como futuro profissional da Psicologia; deixaram-me com um desejo enorme de, um dia, lá poder retornar e contribuir como voluntário. Sinto, por fim, gratidão a todos que me acompanharam nessa vivência, pois suas experiências só contribuíram para que eu me tornasse mais resiliente, resistente, determinado, dedicado, compreensivo e empático.

#### 3.2 GUSTAVO HENRIQUE MORAES

Primeiramente, expresso minha total gratidão pelo período vivenciado no centro de educação infantil. Foi uma ótima possibilidade de crescer, profissionalmente, através da elaboração de atividades, estudo da teoria envolvida e das supervisões, onde as experiências compartilhadas enriqueciam ainda mais. Mas, para além do profissional, poder fazer parte, mesmo que por um curto período, do desenvolvimento daqueles pequenos seres tão sinceros e complexos é incomparável.

Acredito, sim, que poderia ter aproveitado ainda mais, mas estamos em constante aprendizado e minha consciência de hoje compreende isso. Apesar de estar ciente de que também tive minhas falhas, tenho plena certeza de que, a cada momento presente, me entreguei por completo, com atenção plena, carinho e sempre visando, embasado nos conceitos éticos, humanos e teóricos, o melhor meio possível de contribuir para as crianças, mas também as educadoras e os demais envolvidos no processo. Inclusive gostaria de ressaltar minha profunda admiração pelas pessoas responsáveis por cuidar e ensinar esses pequenos, durante dez horas por dia. Também explico aqui minha indignação com o fato de receberem apenas um salário mínimo pela tarefa.

A educação infantil é peça fundamental no desenvolvimento da criança. Só o fato de pensarmos que, em um caso regular, essa criança passará mais tempo na escola do que, propriamente, com a família já comprova tal importância. Além do processo cognitivo e psicom-

tor a formação da personalidade perpassa, fortemente, por essa fase e isso inclui como pilares o papel da afetividade e o clima do ambiente, como ressaltam Burgues, Batista & Bezerra:

A criança assimila inconscientemente não só o que existe ao seu redor, mas através do clima emotivo que a circunda, o caráter e os sentimentos das pessoas que a rodeiam, a forma como se expressam como agem diante de determinadas situações, tudo isso reflete sobre sua personalidade (BURGUES; BATISTA; BEZERRA, 2010, p. 8).

Sem dúvida e, principalmente, antes de iniciar a vivência, tinha um grande receio e angústia sobre o fato de como conseguir trabalhar com crianças de apenas dois anos de idade. Acredito que, principalmente, pelo fato de não conseguir me comunicar, claramente, pela forma verbal e poder usá-la de uma forma mais elaborada e abstrata, pois não faria o menor sentido para crianças de dois anos.

Foi um grande desafio, mas, a cada contato, percebia que, por mais novos que fossem e não conseguissem compreender totalmente a fala, a comunicação entre mim e eles ia melhorando, se aperfeiçoando. Até que percebi, na prática, que cada criança expressa suas emoções, sentimentos à sua maneira, sem vergonha, preocupação com os outros ou rótulos. Ela apenas tenta externalizar o que está pensando e faz isso, literalmente, do seu jeito, o qual vai sendo moldado através da observação dos ambientes nos quais está inserida, através dos modelos com os quais convive.

A vivência no centro de educação infantil me mostrou o quão gratificante é trabalhar com crianças e, como futuro psicólogo, o quão importante é esse papel dentro de cada instituição de educação infantil. Pretendo procurar especializações na área e, se possível, atuar, pois acredito, firmemente, que posso, assim como colegas de profissão, fazer a diferença na vida e no crescimento, não só das crianças, mas de todos os envolvidos no ambiente escolar.

### 3.3 JORDANA EURICO CAMPOMORI

Ao final do desenvolvimento deste portfólio, concluo que é um grande desafio trabalhar com a redução de danos com dependentes químicos. São pessoas que estão em situação vulnerável e que encontram grandes dificuldades diante da sociedade para se reinserirem na mesma. Dessa forma, um dos primeiros desafios foi conquistar a confiança dos pacientes, já que muitos estavam ali contrariados e se negavam a participar das atividades.

Essa confiança foi conquistada aos poucos, a partir do momento em que cada um, no seu tempo compreendeu que nosso papel não era de julgamento e nem de mostrar o que estava certo ou errado, mas sim, o de oferecer um olhar humano, contribuindo para suas reflexões e

valorização pessoal.

Praticar a empatia durante esse estágio foi fundamental para perceber cada um, em cada forma acolhedora e, ao mesmo tempo, compreender o funcionamento da instituição, suas dificuldades e propostas.

### 3.4 LEONARDO OLIVEIRA COSTA RIBEIRO

A princípio, quando se deu o início dos trabalhos, percebi um grande desafio: como desenvolver as práticas psicossociais em crianças em grande situação de vulnerabilidade social e econômica? Contudo, ao longo do estágio, compreendi um pouco mais dos inúmeros contextos sociais e culturais apresentados e vividos pelos alunos. Sendo assim, foi possível me aproximar mais de cumprir esse desafio, por fim, vencendo, dentro do possível, e realizando a proposta do estágio.

Usei de muita dedicação, empatia, profissionalismo, esforço, vencendo também minhas barreiras e superando nossas limitações. Sem medo, mas com algumas inseguranças, foi possível ali trabalhar em prol de uma mudança e transformação do ambiente e das percepções dessas crianças. O estágio psicossocial escolar, na instituição AABB, com essas crianças e adolescentes, foi desenvolvido com grande proveito para mim, tanto quanto para os demais estagiários e as crianças participantes.

Em suma, as atividades trabalhadas tiveram como intuito o desenvolver subjetivo e social das crianças e adolescentes. Além de ressaltar a importância desse estágio para a minha formação acadêmica, também foi aproveitada a oportunidade de desenvolver habilidades interventivas psicológicas que contribuem com o ambiente escolar social e seus sujeitos.

Experenciar essa diversidade cultural, como pessoas e profissionais, deparando com contextos sociais, intensamente, distintos do vivenciado pessoalmente, permitiu-me uma intensa evolução enquanto pessoa e estudante. Compreendeu-se melhor uma realidade além de uma bolha social de conforto. Dentro da Psicologia, é de suma importância o vivenciar de novas experiências para que seja a nós mais palpável as diversas realidades que serão apresentadas, futuramente, quando profissionais formados.

### 3.5 ROZILAINE DE SOUZA FERREIRA

A trajetória no estágio na associação foi um momento de enriquecimento. Os primeiros encontros chegaram a ser um pouco turbulentos, pois eu não tinha contato direto com pessoas com deficiência. Chegou a ser um pouco angustiante não saber como lidar com eles e como seria a fala

direta. Meu supervisor, Professor Renato Ferreira, na época, foi muito atencioso em nos preparar para essa nova fase.

O principal objetivo do estágio era acolher, escutar e desenvolver grupos de apoio com os alunos, adquirir um autoconhecimento para poder transmitir confiança a eles, para que sentissem que estávamos ali para acolhê-los nos momentos de fragilidade. A escolha em optar por esse estágio foi de tamanha importância que o vivenciei verdadeiramente, pois convivi com eles por dois anos. Percebi que, durante as dinâmicas e os momentos de escuta, havia uma necessidade de atenção e de expressar suas dores.

Eles diziam que queriam arrumar um trabalho, ajudar a família e poder ter seu dinheiro. Com esses diálogos, eu tinha uma maneira particular de contribuir com seu desenvolvimento mental e espiritual. O aprendizado em grupo foi de grande afetividade e tem contribuído muito para meu desenvolvimento como pessoa e futura Psicóloga.

Ao decorrer do estágio, pude analisar e concluir que os alunos que frequentam a associação demonstram um pouco de carência. Muitas das vezes são vítimas de medos e angústias. As atividades físicas e as oficinas terapêuticas proporcionam interação entre eles, explorando as dificuldades, além de apoiar e orientar. Tudo isso trouxe benefícios a eles e aos familiares, todas as informações declaradas por eles são de grande acolhimento.

As dinâmicas de escuta aos alunos sempre trouxeram um pouco de conforto. As intervenções eram com o objetivo de valorizar a fala, proporcionar as habilidades desenvolvidas durante o curso, ter paciência e empatia e entender que ser diferente é ser normal.

## 4 CONCLUSÃO

*O samba, a viola, a roseira  
Um dia a fogueira queimou  
Foi tudo ilusão passageira  
Que a brisa primeira levou  
No peito a saudade cativa  
Faz força pro tempo parar  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega a saudade pra lá*

*(Roda Viva, Chico Buarque)*

Como no decorrer deste portfólio, desenvolvemos a conclusão a várias mãos. Em um primeiro momento, deixaremos as considerações finais de cada um de nós e, posteriormente, consideraremos o que todas essas experiências, em conjunto, significaram para nós, colegas, formandos e futuros Psicólogos.

Eu, Arilson, concluo que a experiência vivenciada no projeto social foi uma via de mão dupla. Pude contribuir com o desenvolvimento e desestigmatização das pessoas ali atendidas e também forjar em mim um crescimento no que tange a uma visão mais acurada do outro, respeitadas as suas individualidades, subjetividades e capacidades. Assim sendo, um tempo de troca, porém onde quem mais ganhou como futuro profissional e como pessoa fui eu.

Eu, Gustavo, concluo que a vivência no centro educacional infantil foi de grande valia para a minha formação pessoal e profissional. Acredito ter agregado no desenvolvimento das crianças por meio das atividades desenvolvidas e do tempo que passamos juntos, concluindo o objetivo do trabalho. A passagem pelo educandário é uma importante fase na vida da criança e essa deve ser estimulada ao máximo para que, no decorrer de seu desenvolvimento, tenha cada vez mais recursos cognitivos, emocionais e sociais e que possam retornar para o mundo o carinho e afeto que lhes foi dado nessa fase.

Eu, Jordana, concluo que, ao final da experiência, os pacientes do CAPS AD demonstram grande fragilidade quando estão expostos à sociedade, onde se sentem excluídos e minimizados. Há um desejo desses pacientes de voltarem a ser vistos com suas identidades ressignificadas, porém ainda se sentem condenados pelo passado. As atividades que são realizadas através de grupos que se dispõem a oferecer esses serviços trazem uma grande valorização para os mesmos, leva esse reconhecimento a eles, de modo que sintam que também fazem parte da sociedade.

Concluo, também, que as atividades como arteterapia, oficinas e músicas trazem o efeito terapêutico de valorização do “eu”, sendo benéficas à saúde mental dos pacientes e por isso a grande importância de se ter sempre presentes essas atividades.

Eu, Leonardo, concluo que o estágio psicossocial escolar, na instituição AABB, com crianças e adolescentes de 5 a 15 anos, foi desenvolvido com grande proveito tanto para os estagiários quanto para as crianças participantes. Em suma, as atividades trabalhadas tiveram como intuito o desenvolvimento subjetivo e social das crianças e adolescentes. Além de ressaltar a importância deste estágio para a formação acadêmica, também foi atribuído a nós a oportunidade de desenvolver habilidades interventivas psicológicas que contribuem com o ambiente escolar social e seus sujeitos. Deparar-me com contextos sociais distintos e precários, permitiu uma intensa evolução em mim, enquanto pessoa e Psicólogo. Compreendi que uma realidade está muito além de uma bolha social de conforto. Dentro da Psicologia, é de suma importância o vivenciar de novas experiências para que sejam a nós mais palpáveis as diversas realidades que serão apresentadas, futuramente, quando profissionais formados.

Eu, Rozilaine, no decorrer do estágio, posso analisar e concluir que os alunos que frequentam a associação expressam um pouco de carência, muito das vezes são vítimas de medos e angústias. As atividades físicas e as oficinas terapêuticas proporcionam o interagir entre eles com os estagiários envolvidos, exploram as dificuldades, permitem apoiar e orientar, trazem benefícios a eles e aos familiares. Todas as informações declaradas por eles são de grande acolhimento. As dinâmicas de escuta aos alunos sempre trazem um pouco de conforto; as intervenções têm o objetivo de valorizar a fala, proporcionar as habilidades desenvolvidas durante o curso, ter paciência e empatia e entender que ser diferente é ser normal.

E, por fim, este grupo finaliza afirmando que as vivências aqui relatadas foram, acima de tudo, sinceras. Poder fazer parte da vida de pessoas de diferentes idades e contextos, mesmo que por um breve período, reforça o quanto podemos contribuir para uma sociedade mais inclusiva e empática. Como futuros profissionais da Psicologia devemos sempre lembrar que, além de nossa fonte de renda, é nosso dever usar o que aprendemos para contribuir com o outro, de maneira ética e responsável, assim como fizemos durante as experiências aqui relatadas.

Que este portfólio possa tocar o leitor assim como essas experiências nos tocaram e contribuíram para a nossa formação e para as pessoas com as quais tivemos o prazer de conviver. Finalizamos lembrando algo essencial para a Psicologia e para a vida, trazendo as palavras de Carl Rogers: “Verifiquei que me enriquece abrir canais através dos quais os outros possam comunicar os seus sentimentos, a sua particular percepção do mundo,” (ROGERS,2018,p.31).

Ah! Faz sentido finalizar este trabalho com uma canção que representa esse momento derradeiro da nossa graduação. Também, nos faz recordar todos esses movimentos e imersões em Psicologia Social. O título do nosso trabalho aborda o quando a vida é dinâmica. E, para citar Chico Buarque, ela é mesmo uma roda-vida e sempre dá voltas no nosso coração. Essas voltas ora são de saudade, ora de aprendizagem e até certo alívio pela missão cumprida. A canção nos traz esse misto de sensações: que estamos sempre em movimento, contemplando a vida das pessoas como numa imensa roda-gigante e nós, dando voltas iguais a um peão a encontrar nossa parada, mas sempre voltar a nos (desen)volver, depois.

Compartilhamos, portanto, uma breve contextualização de “Roda viva” a partir das vivências da nossa graduação e dos estágios em Psicologia Social. Esperamos que vocês, leitores, nos entendam e desejamos muito amor a vocês, às pessoas, às diversidades e aos marginalizados. As voltas que o mundo dá encontrarão paradas naquilo que nos faz mais felizes e autênticos.

### **RODA VIDA**

(Chico Buarque)

Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu  
A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu

*(Partiremos em direção a novos projetos de vida e temos essa percepção de que o nosso modo de vida cresceu durante esses cinco anos de faculdade.)*

A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega o destino pra lá

*(Quantas vezes aprendemos, nas disciplinas, nos estágios e com as pessoas com as quais convivemos que, às vezes, esse “destino de cada um” é o que temos de mais bonito e que nele, por mais que façamos escolhas, às vezes há desafios, imprevistos e angústia.)*

Roda mundo, roda-gigante  
Roda moinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração

*(Para sempre essas experiências, esses estágios, os colegas, professores e comunidades com as quais interagimos ficarão em nosso coração, por mais voltas que ele dê.)*

A gente vai contra a corrente  
Até não poder resistir

Na volta do barco é que sente  
O quanto deixou de cumprir

*(Também temos consciência de que nunca estamos prontos. Muitas vezes, poderíamos ter nos dedicado mais no curso de Psicologia, mas, agora, motivados pelas responsabilidades de nossa profissão, daremos continuidade, e seremos resistência onde houver opressão a qualquer tipo de grupo. O fim é também o começo.)*

Faz tempo que a gente cultiva  
A mais linda roseira que há  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega a roseira pra lá

*(Quantas situações delicadas, surpreendentes e inspiradoras cultivamos! Quantas rosas e espinhos! E vários foram os momentos que tiraram de nós roseiras. Tiraram as rosas de quem cuidamos nos estágios, mas sempre aprendemos com os professores a plantar e cuidar de novas roseiras: cada vez mais coloridas e fortes, tal como é o fazer psicológico.)*

A roda da saia, a mulata  
Não quer mais rodar, não senhor  
Não posso fazer serenata  
A roda de samba acabou

*(A roda de samba acabou para que outras aconteçam! Rodas com pessoas, sempre por elas e junto a elas no ritmo e repertório musical que forem genuínos para elas.)*

A gente toma a iniciativa  
Viola na rua, a cantar  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega a viola pra lá

*(E quanto mais carregarem nossa viola, nosso valor e nosso trabalho humanizado lá para longe, mais nos uniremos em prol de uma Psicologia inclusiva e compromissada com o bem-estar dos seres humanos)*

O samba, a viola, a roseira  
Um dia a fogueira queimou  
Foi tudo ilusão passageira  
Que a brisa primeira levou

*(Experiências com os colegas de sala, com os professores, nos eventos do Unilavras, nesses estágios aqui relatado... agora serão lembranças de uma brisa suave.)*

No peito a saudade cativa  
Faz força pro tempo parar  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega a saudade pra lá

*(E por falar em saudade... agradecemos a cada um de vocês que fizeram parte de nossos cinco anos no curso de Psicologia: vocês são a roda-vida em nós. Nunca parem, nunca desistam, pois sempre haverá um Psicólogo perto de vocês que, assim como nós, nunca deixará vocês desistirem.)*

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L. M. **Oficinas em Dinâmicas de Grupos: método de intervenção psicossocial**". Belo Horizonte: Artesã, 2018.
- BASTOS, A. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. In: **Psicologia e Informação**, 2010.
- BURGUES, A. M., Bastista A. C., Bezerra, B. J. **Influência da educação infantil na formação da personalidade das crianças**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, 2010.
- CASTANHO, P. Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica. In: **Vínculo**, 2012.
- FOULKES, S. H., Anthony, E. J. **Psicoterapia Grupal: Uma abordagem Psicanalítica**". Ringwood: Penguin Books, 1965.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre as manipulações da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- JUNG, C. G. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- LEWIN, K. **Problemas de Dinâmica de Grupo**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- LIMA, E. H, Capanema C. A, Nogueira M. J. A prática dos grupos reflexivos sobre drogas como estratégia possível para redução de riscos e danos. In: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 2017.
- MOREIRA, L. M. A. Dinâmicas de grupo e oficinas. In: **Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- NUNES-SILVA, Marília et al. A música para indução de relaxamento na Terapia de Interação Pessoal pela Abordagem Direta do Inconsciente. In: **Contextos Clínicos**, 2012.
- OLIVEIRA, A. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 1993.
- PICHÓN-RIVIÈRE, E. **O Processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ROGERS, C. R. (2018). **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes.
- ROLIM A. A. M.; GUERRA S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. In: **Revista de Humanidades**, 2008.
- SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1971.

VIANA M., Francischini R. Psicologia Escolar Que fazer é esse? In: **Revista do Conselho Regional de Psicologia**, 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

**ANEXOS****5.5 ANEXO A: CARTAS-CONVITE E DOCUMENTOS DE ACEITE****CARTA DE CONVITE E DOCUMENTO DE ACEITE**

Ilma. Sra. Professora  
**Orientadora Ana Maria Blavati Guimarães**

**Prezada Senhora:**

O Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS convida-a para compor a Banca Examinadora da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos **Arilson Ávila Carlos, Gustavo Henrique Carvalho de Moraes, Jordana Eurico Campomori, Leonardo Oliveira Costa Ribeiro e Rozilaine de Souza Ferreira** do curso de **Psicologia**, intitulado **“Dinâmica é a vida! Experiências e movimentos em Psicologia Social”** a realizar-se no dia **17/11/2020**, às **21h 30min**, na sala virtual **“Seminário de Pesquisa”**, desta Instituição.

Contamos com a sua presença, que será de grande importância para a conclusão dos nossos trabalhos.

**Atenciosamente,**

*Arilson Ávila Carlos  
Gustavo Henrique Carvalho de Moraes  
Jordana Eurico Campomori  
Leonardo Oliveira Costa Ribeiro  
Rozilaine de Souza Ferreira*

.....  
**DE ACORDO**

**Nome:** Ana Maria Blavati Guimarães

**Data:** 23 / 10 / 2020

**CARTA DE CONVITE E DOCUMENTO DE ACEITE**

Ilma. Sra. Professora  
**Convidada Cleonice de Faria Barbosa**

**Prezada Senhora:**

O Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS convida-a para compor a Banca Examinadora da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos **Arilson Ávila Carlos, Gustavo Henrique Carvalho de Moraes, Jordana Eurico Campomori, Leonardo Oliveira Costa Ribeiro e Rozilaine de Souza Ferreira** do curso de **Psicologia**, intitulado “**Dinâmica é a vida! Experiências e movimentos em Psicologia Social**” a realizar-se no dia **17/11/2020**, às **21h 30min**, na sala virtual “**Seminário de Pesquisa**”, desta Instituição.

Contamos com sua presença, que será de grande importância para a conclusão dos nossos trabalhos.

**Atenciosamente,**

*Arilson Ávila Carlos  
Gustavo Henrique Carvalho de Moraes  
Jordana Eurico Campomori  
Leonardo Oliveira Costa Ribeiro  
Rozilaine de Souza Ferreira*

.....

**DE ACORDO**

Nome: 

---

**Data: 26/10/2020**

**CARTA DE CONVITE E DOCUMENTO DE ACEITE**

Ilma. Sra. Professora  
Convidada Paula de Deus Vieira

**Prezada Senhora:**

O Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS convida-a para compor a Banca Examinadora da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos **Arlison Ávila Carlos, Gustavo Henrique Carvalho de Moraes, Jordana Eurico Campomori, Leonardo Oliveira Costa Ribeiro e Rozilaine de Souza Ferreira** do curso de **Psicologia**, intitulado **“Dinâmica é a vida! Experiências e movimentos em Psicologia Social”** a realizar-se no dia **17/11/2020**, às **21h 30min**, na sala virtual **“Seminário de Pesquisa”**, desta Instituição.

Contamos com a sua presença, que será de grande importância para a conclusão dos nossos trabalhos.

**Atenciosamente,**

*Arlison Ávila Carlos  
Gustavo Henrique Carvalho de Moraes  
Jordana Eurico Campomori  
Leonardo Oliveira Costa Ribeiro  
Rozilaine de Souza Ferreira*

.....  
**DE ACORDO**

Nome: *Paula de Deus Vieira*

Data: *26 / 10 / 2020*

## ANEXO B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PORTFÓLIO

**FICHA DE AVALIAÇÃO**  
**Formulário de Avaliação do Portfólio**

Nome do aluno (a):	Nota Final
1. _____	_____
2. _____	_____
3. _____	_____
4. _____	_____
5. _____	_____

Curso: \_\_\_\_\_

Avalie a apresentação do trabalho, quanto aos aspectos abaixo relacionados, dando as notas de acordo com o valor atribuído aos subitens.

Itens	<u>Subitens</u>	<u>Critérios</u>	Valor	Nota
<b>Assunto (50)</b>	<b>Introdução</b>	Elaboração da autoapresentação acadêmica; Perspectivas quanto à futura profissão; local da vivência e formulação dos objetivos individuais quanto às atividades a serem realizadas.	10,0	
	<b>Desenvolvimento</b>	Apresentação da sequência das atividades desenvolvidas com apresentação de: fotos, correlação com as disciplinas do curso e registro das leituras com citações de opiniões dos autores.	20,0	
	<b>Autoavaliação</b>	Análise crítica do aprendizado e desafios superados.	10,0	
	<b>Conclusão</b>	Resposta aos objetivos e sugestões para novos portfólios.	5,0	
	<b>Referências Bibliográficas</b>		5,0	
<b>SUBTOTAL</b>				
		Utilização do tempo disponível Desempenho (voz, gestos e movimentação)	5,0	
		Linguagem (clareza, fluência do assunto)	5,0	

<b>Apresentação (50)</b>	<b>Explicação</b>	Domínio do conteúdo		10,0	
	<b>Arguição</b>	Objetividade	1	5,0	
			2		
			3		
			4		
			5		
		Linguagem (clareza, fluência)	1	5,0	
	2				
	3				
			4	10,0	
5					
1					
2					
3					
<b>Material</b>		Qualidade		5,0	
		Adequação		5,0	
<b>SUBTOTAL</b>					
<b>TOTAL</b>					

\_\_\_\_\_  
Lavras,

**CONCEITOS**

**A – 90 a 100 pontos**

**B – 80 a 89 pontos**

**C – 70 a 79 pontos**

**D – 60 a 69 pontos**

\_\_\_\_\_  
Assinatura do membro da  
Banca

